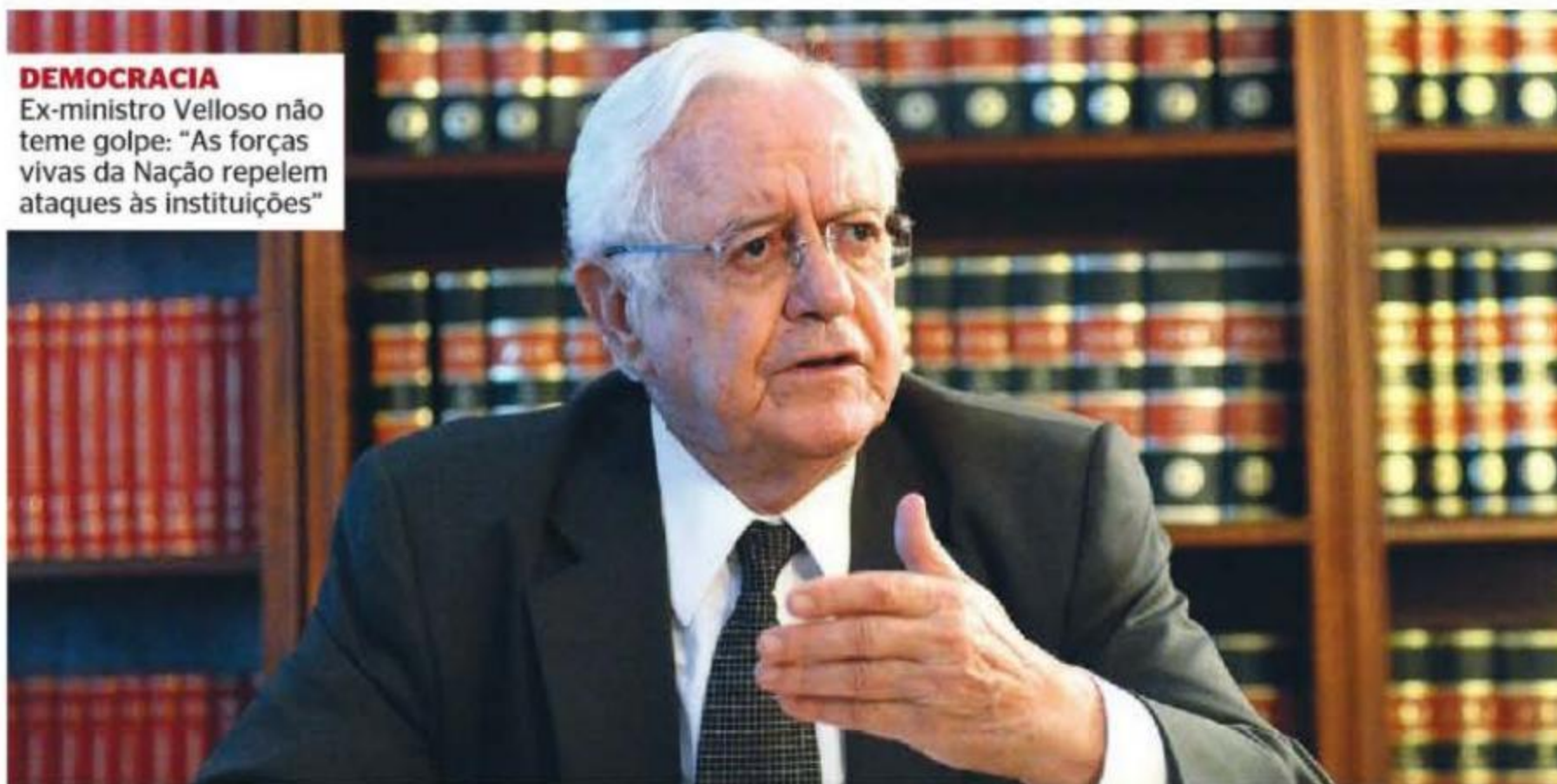
SERÁ O FIM DO MUNDO? Relatório demolidor mostra aquecimento irreversível do planeta e fim do Círculo Polar Ártico até 2050
ISTOÉ
TRÊS
O dia da vergonha!
Espetáculo bizarro
Presidente comanda, no Palácio do Planalto, exibição de tropas da Marinha em dia de votação crucial na Câmara
Apenas em tempos de guerra ou em governos totalitários e golpistas exibições de tanques nas ruas são feitas para intimidar poderes e cidadãos. O presidente Bolsonaro, em uma gradativa perda de popularidade, resolveu apelar ao ardil ridículo da micareta militar que evidencia muito mais o seu isolamento que sua força, levando com ele para o buraco o prestígio da caserna

Baixe o App
e saiba mais

ENTREVISTA

CARLOS VELLOSO

Ex-presidente do STF e do TSE

DEMOCRACIA
Ex-ministro Velloso não teme golpe: "As forças vivas da Nação repelem ataques às instituições"

"O PROCESSO ELEITORAL BRASILEIRO É IMPERMEÁVEL À FRAUDE"

Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) até 2006 e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entre 1994 e 1996, Carlos Velloso acompanha com apreensão a discussão aberta pelo presidente Jair Bolsonaro sobre a lisura do voto eletrônico, que o próprio jurista ajudou a instituir no Brasil na década de 1990. Defensor do modelo atual, Velloso critica o mandatário pela defesa intransigente do que ele classifica de uma volta aos tempos do cabresto eleitoral. "O voto impresso é, na verdade, um complicador, que nos faz voltar ao sistema das cédulas de papel e ao tempo das fraudes eleitorais", afirmou o ex-ministro, um dos signatários do manifesto assinado por todos os ex-presidentes do TSE em defesa da urna eletrônica. "O processo eleitoral brasileiro é impermeável à fraude". Em entrevista à ISTOÉ, Velloso condenou os recentes ataques o presidente às instituições, afirmando, no entanto, não acreditar que a democracia corra riscos de retrocesso. "As forças vivas da Nação repelem os ataques às instituições", disse o ex-presidente do STF. Ele disparou também contra a recondução de Augusto Aras à Procuradoria-Geral da República, que não levou em consideração a lista tríplice apresentada pelo Ministério Público Federal.

Por Ricardo Chapola

FOTOS: BRENO FORTES/CB/D.A PRESS; ISAAC AMORIM/MSPJ

A democracia brasileira corre riscos em razão da escalada autoritária de Bolsonaro?

Penso que a democracia brasileira não corre risco. É que as instituições do País estão em pleno funcionamento. O Congresso tem um núcleo duro de democratas e o Supremo Tribunal Federal tem agido de forma altaneira, independente, intimorata, infenso a ameaças. Uma boa parte do povo compreende que a democracia é o melhor dos regimes políticos. Intelectuais, juristas, a mídia séria, empresários do melhor nível dão apoio à democracia, especialmente ao sistema eleitoral. As forças vivas da Nação repelem os ataques às instituições. Em 1964, as Forças Armadas agiram com apoio da imprensa, do empresariado e até da Igreja - não podemos esquecer das Marchas com Deus pela Liberdade. Hoje, milhares vão para a rua em favor da democracia, das eleições livres e em apoio às instituições. O sistema eleitoral brasileiro é dos melhores do mundo civilizado e o Brasil, felizmente, não é uma república bananeira, como acentuou, aliás, o vice-presidente Hamilton Mourão.

"O que tem prejudicado a indicação de André Mendonça para o STF são os inquéritos que ele mandou instaurar contra jornalistas com base na Lei de Segurança Nacional"

Por que Bolsonaro insiste na defesa do voto impresso?

As urnas eletrônicas têm sido utilizadas há 25 anos no Brasil, sem qualquer evidência ou indício sério de fraude. O presidente da Câmara dos Deputados, em pronunciamento recente, chamou a atenção, inclusive, para esse fato. O voto impresso é, na verdade, um complicador, que nos faz voltar ao sistema das cédulas de papel. E, assim, ao tempo das fraudes eleitorais. Como tem ressaltado o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Luís Roberto Barroso, já pensou como seria contar manualmente 150 milhões de papeizinhos? Transportar, do Oiapoque ao Chuí, 150 milhões de papeizinhos? E mandar fazer algo assim, diante de 25 anos de excelente funcionamento das urnas eletrônicas, sem a existência de qualquer indício de fraude?

O senhor acredita que Bolsonaro aceitará a derrota da PEC do voto impresso?

O vice-presidente Hamilton Mourão já esclareceu essa questão. Teremos eleições. O Congresso decidiu assim e acabou a questão. Ponto final.

O que o levou a assinar o manifesto em defesa das urnas eletrônicas?

Assinei o manifesto simplesmente por uma questão de justiça. É que o processo eleitoral brasileiro é impermeável à fraude. As urnas eletrônicas têm diversos dispositivos que asseguram a sua segurança e a possibilidade delas serem auditadas antes, durante e também depois da realização das eleições. Isso vem sendo demonstrado, didaticamente e com patriotismo, pelo presidente do Tribunal Superior Eleitoral e pelos órgãos técnicos do próprio tribunal. Em 1995, reunimos o que havia de melhor neste país: juristas, cientistas políticos, inclusive representantes das Forças Armadas, que, convidados a colaborar com a criação das urnas eletrônicas, nos mandaram técnicos da melhor qualidade do Instituto Tecnológico da Aeronáutica e dos serviços de informática da Marinha e do Exército. Homens de boa vontade, patriotas, que trabalharam pelo Brasil. E temos aí a urna eletrônica, produto da criatividade dos brasileiros.

Como o senhor classifica a decisão do ministro Fux de ter cancelado a reunião que faria com os líderes dos três poderes, dentre eles o presidente Bolsonaro?

Bom, sou mineiro e tenho espírito pacificador. Penso que, nesses conflitos, o maior prejudicado é o Brasil. O ministro Fux tem razão em reagir às ameaças ao tribunal e aos seus membros. Mas os presidentes da Câmara (Arthur Lira) e do Senado (Rodrigo Pacheco), por exemplo, poderiam e deveriam intervir para pacificar o confronto, em homenagem à harmonia que deve existir entre os poderes constituídos. Vale enfatizar: os poderes são independentes e harmônicos.

A que o senhor atribui esse clima hostil entre Bolsonaro e o Supremo?

É que o STF vem agindo com observância de sua competência constitucional, em plena pandemia, quando decidiu pela competência concorrente dos Estados, Distrito Federal e Municípios para contenção do coronavírus. A competência dos governadores e prefeitos, concorrentes com a União Federal, está claramente posta na Constituição, seja na competência comum, seja na competência legislativa concorrente entre a União, Estados e Distrito Federal. Vale esclarecer também que o pacto federativo prevê, como condição de >>

sua existência, a fim de manter as competências dos entes federados, a existência de um tribunal capaz de defender as suas funções constitucionais. E tem sido exatamente isto o que vem acontecendo com as decisões da Corte.

Qual é sua opinião sobre a inclusão de Bolsonaro nos inquéritos do TSE e do STF?

O Corregedor-Geral de Justiça, diante da alegação de fraude no sistema eletrônico de voto, determinou a abertura de inquérito administrativo, com a aprovação do tribunal, a fim de que sejam apresentadas provas de ocorrência das alegadas fraudes nas eleições de 2018 e para apuração de fatos que possam configurar abuso de poder econômico e político, uso indevido dos meios de comunicação social, corrupção, fraude, condutas vedadas a agentes públicos e propaganda antecipada em relação aos ataques contra o sistema eletrônico e à legitimidade das eleições de 2022. Tudo dependerá, ao final desses inquéritos, da ação do Ministério Público Federal, ou do ajuizamento de ações próprias por partidos políticos e entidades que tiverem interesse jurídico no caso, porque o juiz não age de ofício.

Bolsonaro desrespeita a independência dos Poderes?

Deveria respeitar. A Constituição Federal paira acima dos governantes. No Estado de Direito vale a vontade da lei, não vale a vontade dos homens. Na Declaração de Direitos do Estado da Virgínia, essa sentença foi enunciada pela primeira vez, antes mesmo da Declaração de Independência. E é o que consta da nossa Constituição. E a Constituição Federal, segundo Charles Evans Hughes, da Suprema Corte dos Estados Unidos, é o que a Suprema Corte do país diz que é.

O que achou da recondução de Aras à Procuradoria-Geral da República, mais uma vez ignorando a lista tríplice apresentada pelo MPF?

Essa é uma questão a ser resolvida pelos agentes do Ministério Público Federal. O que posso dizer é que as listas tríplices são democráticas e precisam ser observadas. De uma feita, conversando com um governador de um Estado, ele me dizia das listas. E eu afirmei a ele, então, que a escolha do procurador-geral é da maior importância. Por isso, essa escolha deveria recair sobre um candidato que seja líder da classe. Se escolher simplesmente um chefe, o governante vai ter problemas. Começar a escolha do PGR pela lista tríplice é, além de democrática, mais inteligente, porque os integrantes da lista têm o assentimento da classe. Com a lista, é mais fácil perceber quem tem mais condições de liderança. E, sim, tem havido forte reação na classe dos membros do Ministério Público Federal quanto à atuação de Aras. Não posso dizer o que há por trás de uma atuação que não tem sido rígida ou enérgica do Procurador-Geral da República. Não conheço sua forma de atuar, já que ele não chegou a trabalhar como procurador junto ao Supremo enquanto eu estava no exercício do cargo de juiz daquela Corte.

O Senado aprovou o projeto que revoga a Lei de Segurança Nacional. O que isso representa?

O Senado fez o que já devia ter sido feito. A Lei de Segurança Nacional, do modo como foi feita, nada mais é do que um entulho autoritário. O Congresso cumpriu sua missão, que era aprovar uma lei de segurança nacional condizente com o Estado Democrático de Direito.

E o que pensa sobre a indicação de André Mendonça para a próxima vaga no Supremo?

O que tem prejudicado a indicação de André Mendonça foram os inquéritos que ele mandou instaurar contra jornalistas, com base na Lei de Segurança Nacional, que, aliás, era um entulho que felizmente foi substituído pelo Congresso. Também influencia negativamente o fato de parecer que André Mendonça foi indicado simplesmente porque é "terrivelmente evangélico." Ora o Estado brasileiro é laico. A Constituição é de todos: deístas, agnósticos e ateístas. Os requisitos exigidos pela Constituição para o cargo são a reputação ilibada e o alto saber jurídico. Penso que, sob esse aspecto, Mendonça estaria capacitado, tanto que alguns ministros do Supremo têm manifestado apoio ao seu nome publicamente.

Como o senhor acredita que o presidente Jair Bolsonaro será lembrado no futuro?

Se o presidente continuar nesse diapasão, não será bem lembrado. ■

"Os presidentes da Câmara e do Senado deveriam intervir para pacificar o confronto e alcançar a harmonia entre os poderes constituídos"

FOTO: DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

A HUMILHAÇÃO PELOS TANQUES

No Eixo Monumental de Brasília se deu o rebuliço. Esvaziado, esfumaçado, patético. Um espetáculo que misturava o grotesco ao surreal, com pitadas de um autoritarismo nativo latente, a evidenciar o último sopro de valentia fora de hora do capitão do Planalto. Esse, diga-se de passagem, cada dia mais isolado, fraco e desprezado. O presidente bananeiro é dado a cenas bizarras. Mas agora passou de todos os limites. Expôs as Forças Armadas ao ridículo em plena Praça dos Três Poderes. Colocou o prestígio da caserna no buraco. E foi apenas o mais brando dos efeitos e consequências. Por ordem, obra e graça de um mandatário que, há muito tempo, perdeu qualquer condição de comandar o País, tanques tomaram as ruas. Algo, normalmente, visto apenas em tempos de guerra ou em governos totalitários que flertam diuturnamente com intentos golpistas. Serviriam os tanques para cessar a sua gradativa e desabalada perda de popularidade, mostrando a força pueril de alguém que precisa de armas para se autoafirmar? Quanta bobagem ou falta de senso sobre o papel a exercer. Tanques contra as urnas? Para referendar seu desejo de apenas realizar as eleições a sua maneira, caso contrário essas seriam canceladas, como disse? Decerto que sim. Jair Bolsonaro buscava com o showmício — está mais do que claro! — intimidar. O Congresso, o STF, as instituições moderadoras de uma democracia hoje, claramente, sob ataque. E justamente pelas mãos daquele que jurou obediência à Constituição quando tomou posse. Mera balela, como de resto as demais promessas que fez. Jair Bolsonaro vem rasgando publicamente, um a um, os princípios republicanos, ao arrepio da lei e para surpresa do mundo inteiro. Com a encenação típica de caudilhos, se havia alguma dúvida da incapacidade e insanidade administrativas latentes no capitão, elas foram sanadas. De vez! A "tanqueciata", como vem sendo chamada, serviu ao menos para consolidar tal impressão. Caros brasileiros, o presidente não bate bem. Mostra, todo dia, estar fora de si, do controle das faculdades mentais e da racionalidade mais elementar exigida para o devido cumprimento do cargo. É hora de providências. Imediatas, sob pena de riscos ainda maiores daqui por diante, na toada dos despautérios e tolices que arquiteta com o intuito de tumultuar a ordem e desmontar o Estado. Qual mandatário, minimamente consciente, em plena crise da pandemia, com quase 600 mil mortes registradas — parte delas de sua responsabilidade ou fruto da inépcia que exibe — submeteria a Nação a um desfile de veículos blindados, radicalizaria as relações e colocaria em suspeição um sistema eleitoral que nunca teve fraudes, em troca da obsessão de se manter no posto? O simbolismo da micareta militar está claro. O inquilino do Planalto joga medo e pressão na sociedade, instrumentalizando politicamente as Forças Armadas, que deveriam servir ao Estado, jamais ao governo, como reza a Carta Magna. Certamente, com a burlesca performance, conseguiu o contrário. No mesmo dia, parlamentares da Câmara resolveram votar e enterrar de vez a PEC que tratava do voto impresso. Quase em simultâneo, enquanto Bolsonaro brincava de marcha soldado, o Senado aprovou o projeto que revoga a Lei de Segurança Nacional. Instrumentos cerceadores das liberdades e transparência foram, assim, para a latrina. A proeza do Messias nas movimentações estapafúrdias estava consagrada: em menos de uma semana, irritou com ataques e faniquitos mil, tanto os ministros do Supremo quanto os congressistas, rompendo, a partir dali, com a propalada harmonia dos poderes. Quanta habilidade! Diante da iminente derrota no pleito de 2022, vai tentando pelas beiradas formatar o golpe. Mais de 60 anos depois que o mestre da vassourinha, Jânio Quadros, renunciou falando em pressões de "forças ocultas" como truque, abrindo terreno para a tomada revolucionária em uma ditadura que vingou por mais de duas décadas, o clima de sandices parece ser revivido. Outro embuste político que surge montado na futrica. A ideia da corrida maluca de tanques contra votos é de uma estupidez sem tamanho. Simulacro de atração imperialista para corroer liberdades individuais. Militares que honram a farda e os direitos sociais vieram a público falar do constrangimento. Trataram o episódio pelo que é: uma anacrônica e inaceitável demonstração de subserviência com a qual não concordam. Ninguém pode se achar capaz de atemorizar a democracia. Nem o mandatário! O que deu para sentir, na verdade, foi pena. Uma paródia teatral que mira o retrocesso, a ruptura, mas que jamais triunfará nesse objetivo. ■

ILUSTRAÇÃO: DALCIO MACHADO

Sumário

Nº 2691 – 18 de agosto 2021
ISTOE.COM.BR

38

AMBIENTE Relatório da ONU condena o negacionismo na questão ambiental e mostra os danos já irreversíveis do efeito estufa

20

CAPA A grotesca "tanqueciata" da Marinha, promovida pelo capitão Jair Bolsonaro, desprestigia ainda mais as Forças Armadas e mostra o isolamemrto do presidente

46

SAÚDE Por que a variante Delta tem alto poder de contágio e já leva alguns países a retomarem medidas sanitárias restritivas, como no início da pandemia

60

CULTURA
Obra em dois volumes reúne, pela primeira vez, as aulas de literatura dadas pelo escritor russo Vladimir Nabokov

FOTO DE CAPA: ANTONIO MOLINA/FOTOARENA
FOTOS EDITORIAIS: STR/NURPHOTO/NURPHOTO VIA AFP; ERALDO PERES/AP PHOTO;
LIU XU/IMAGINECHINA VIA AFP; © HULTON-DEUTSCH COLLECTION/CORBIS/CORBIS VIA GETTY IMAGE

por Germano Oliveira

Diretor de redação de ISTOÉ

GOLPE NUNCA MAIS

Bolsonaro não quer eleições no ano que vem. Ponto. O patético desfile dos tanques na Praça dos Três Poderes foi mais um recado nesse sentido. A bravata em torno do voto impresso, contudo, foi apenas uma cortina de fumaça para mobilizar suas tropas de insanos contra a democracia. O que ele quer mesmo é se perpetuar no poder, "fora das quatro linhas da Constituição", como já disse. Essa postura golpista faz parte da sua genética fascista. Sempre enalteceu o golpe de 1964 e jactou-se dos métodos nazistas dos militares torturadores como o coronel Brilhante Ustra. Não deseja o regime democrático, com alternância no poder, com os partidos funcionando sem o toma lá dá cá, com a Justiça operando institucionalmente e com a imprensa livre. Por isso, ele e seus seguidores fanáticos defendem o fechamento do Congresso, do STF e a asfixia dos veículos de comunicação independentes.

Como já concluiu que não se reelegerá — basta ver que sua rejeição nas pesquisas é de 59% —, o mandatário quer virar a mesa já, sem esperar que o fracasso se consolide em 2022. Não quer repetir Trump, que só mandou invadir o Capitólio depois da derrota consolidada. Por isso, cria um clima de terror para vender a ideia de que as eleições serão roubadas para favorecer a oposição e tenta, assim, melar o processo eleitoral antes mesmo de os brasileiros irem às urnas.

Mas o mandatário sabe que não dará o golpe só com o grupelho que o acompanha nas motociatas inspiradas em Mussolini. Sabe que não bastará um cabo e um soldado para fechar o STF, como pregou o filho 03. Essa meia dúzia de gatos pingados não será suficiente para inviabilizar a democracia. O mundo mudou. Em 1964, os americanos apoiaram os militares, mas, hoje, Biden reagiria e o Brasil sofreria bloqueios comerciais sufocantes. Por sorte, poucos estão dispostos a segui-lo nessa missão obscurantista.

Só quem viveu a ditadura de 1964 sabe o que uma volta ao passado representa. Milhares de pessoas foram presas, mortas, torturadas e banidas do País. Depois de muita luta, os brasileiros retomaram o regime democrático, tudo pactuado na Constituição de 1988. De lá para cá, vivemos anos de normalidade institucional. Os avanços são agora ameaçados por esse grupo de tresloucados, sob a liderança de um ex-capitão, que até do Exército foi expulso por indisciplina, e que agora deseja nos fazer retroceder aos anos de chumbo. Não passarão. O impeachment seria uma boa solução.

A democracia é ameaçada por um grupo de tresloucados, sob a liderança de um ex-capitão, que foi expulso do Exército por indisciplina e que agora deseja nos fazer retroceder

por Rachel

RAÇA DE VÍBORAS

Nas últimas décadas, ganhou força no Brasil um evangelismo mais agressivo, competitivo e pouco ortodoxo. Pessoalmente, acompanhei de perto a explosão de fenômenos como o da música gospel, dos produtos gospel e dos negócios gospel. Vi novas franquias de templos, estilos e denominações pulularem no mercado da fé. Conheci padres e pastores que se tornaram artistas, cantores, influenciadores e até ricos! Mudaram os religiosos. Mudou a religião. Sabe aquela história do camelo que não passa pela agulha e do rico que não entra no céu? C'est démodé, irmãos! Agora, para além da salvação da alma, o cristão quer mais é ter dinheiro e ser famoso. Então, também vi Deus ser transformado em coach do sucesso.

Constrangida, presenciei o milagre da multiplicação de políticos cristãos, graças ao uso de púlpitos como palanques eleitorais. Os homens de fé, que nada tinham a ver com as coisas do mundo, finalmente se renderam à tentação do poder. Quando religião e política se dão as mãos, tudo é possível — com jeitinho e um por fora. Na contabilidade, misturaram o que era de César com o que era de Deus, e ninguém é mais de ninguém!

Além de falsos messias, o Brasil está cheio de falsos cristãos. Gente que come hóstia de dia e cospe indignidades à noite

Sheherazade

Jornalista

Mas, ouvi dizer que um certo Deus não anda nada satisfeito com o tipo de cristão que diz lhe representar.

Com a fé como autopropaganda e o falso moralismo como adereço barato, escaparam, dos nove círculos do inferno, os novos fariseus, chamados "cidadãos de bem", com aspas e tudo.

Intérpretes da mente divina, eles dizem ter a primazia da virtude e se acreditam um povo santo e ungido para salvar a humanidade do pecado, da corrupção, dos comunistas e do Supremo Tribunal Federal.

Nas mãos de oportunistas da fé, a política não vira só negócio, mas também Guerra Santa. Deveriam saber que a luta de Jesus não é contra carne nem sangue, mas não estou falando dos fiéis fidedignos.

Além de falsos messias, o Brasil está cheio de falsos cristãos. Gente hipócrita que come a hóstia de dia e cospe indignidades nas redes à noite. Charlatões que dizem limpar a alma nas águas do batismo, mas sujam as mãos na vala da corrupção.

Nesses últimos anos, vi líderes religiosos pregarem o ódio sem pudor, vi mães e pais "de família" revelarem o seu lado mais promíscuo, vi os "bons" desejarem o mal, a ruína e a morte de outros, vi políticos falarem em Deus e agirem como o diabo.

Uma das grandes revoluções do cristianismo é o nascimento do Deus-amor, na passagem do tempo da Lei para o tempo da graça, quando um Jeová justiceiro e implacável evolui para uma divindade de amor e perdão, padroeira de toda a humanidade.

Raça de víboras! Que trecho do "amai-vos uns aos outros" vocês não entenderam?

por Marco Antonio Villa

Historiador

BOLSONARO, INIMIGO DO BRASIL

Jair Bolsonaro vai continuar atacando as instituições republicanas. Faz parte da sua ação política. Ele não combina com o Estado democrático de Direito. E não é de hoje. Agiu desta forma durante 30 anos de vida parlamentar. Os mandatos serviram para vociferar contra as liberdades democráticas e os valores constitucionais sem que tivesse a resposta adequada, inclusive no campo legal. Agiu à semelhança de Adolf Hitler. O seu confrade alemão utilizou da Constituição de Weimar para destruir a República alemã. Bolsonaro usou e abusou das garantias legais da Constituição Cidadã. Foi tratado como um insano, um cidadão próximo da interdição, absolutamente irresponsável e que, sequer, mereceria algum tipo de resposta dos democratas e, muito menos, do Judiciário.

O tempo foi passando e as diatribes bolsonaristas foram se transformando em motivo de chacotas, blagues, que eram repetidas como se merecessem ser apreciadas pelo conteúdo agressivo, mas — e aí estava um dos erros — inofensivo. Isto acabou levando uma parcela da população a encontrar no parlamentar uma identidade, uma proximidade com base no senso comum, típico da filosofia das massas. Bolsonaro entendeu que não bastava ser parlamentar: era necessário repetir à exaustão um discurso extremista, antidemocrático, e de defesa da violação dos direitos humanos. Vocalizar odes às ditaduras do continente também fazia parte do seu cardápio político demoníaco. Criou um personagem que foi ficando maior a cada fracasso das instituições na defesa da moralidade republicana, da segurança pública e do progresso econômico.

A tibieza dos democratas e a miopia política das principais lideranças do País permitiu que Bolsonaro fosse se transformando paulatinamente em referência para aqueles desiludidos com a "velha política." Sem ter um discurso orgânico, que permitisse apresentar ainda, que timidamente, uma visão de mundo, ele foi permanecendo nos holofotes pelos ataques sistemáticos e panfletários à ordem estabelecida. Aproveitando de um momento — que dificilmente se repetirá — de desgaste institucional, como o impeachment de Dilma Rousseff, abriu a possibilidade para que apresentasse sua candidatura à Presidência da República, isto quando não era levado a sério pelos seus pares na Câmara — basta recordar que teve cinco votos, para a presidência da Casa.

Vocalizar odes às ditaduras do continente também fazem parte do cardápio político demoníaco do presidente

A tarefa atual é evitar considerar, novamente, as ações de Bolsonaro simplesmente como falácias. Não são. Ele representa a maior ameaça à democracia no Brasil.

Frases

“A FAMA NÃO É O QUE AS PESSOAS PENSAM. PARA MIM, SÓ ME ENCHEU DO CARINHO DE PERFEITOS DESCONHECIDOS”

ADRIEN BRODY, ator norte-americano

“UMA COISA É SENTIR-SE ANSIOSO ANTES DE UMA COMPETIÇÃO. OUTRA É O DIAGNÓSTICO DE DEPRESSÃO. NÃO SE ESTÁ FALANDO DE MIMIMI, SÃO DOENÇAS GRAVES”

CARLA DI PERRO, psicóloga do Comitê Olímpico do Brasil

“Fraude é denunciar uma fraude inexistente”

DANIEL ZOVATTO, doutor em direito internacional, reprovando a insistência de Jair Bolsonaro em defender a volta do voto impresso

“Ser odiado por liberal de sapatênis é minha religião”

FELIPE NETO, youtuber

FOTOS: JOHANNA GERON/REUTERS/FOTOARENA; REPRODUÇÃO; PAULO BELOTE/GLOBO; AMANDA PEROBELLI/ESTADÃO CONTEÚDO

por Mariana Ferrari

"A PAIXÃO E O RESPEITO MÚTUO POR UM FILHO NÃO DEPENDEM DO CASAMENTO"

JONATHAN AZEVEDO, ator

"JÁ PASSOU DA HORA DE TOCAR O DESPERTADOR DE NOSSA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL"

LILIA SCHWARCZ, antropóloga e historiadora

"A transparência que Jair Bolsonaro tanto se refere é puro fingimento. Seu governo impõe sigilo a tudo e, ao perceber que jamais será reeleito, tenta desestabilizar o País para se manter no cargo"

DAVID MIRANDA, deputado federal

"O BRASIL FOI O TERCEIRO MELHOR PAÍS DAS AMÉRICAS NAS OLIMPÍADAS. IMAGINA SE TIVÉSSEMOS INVESTIMENTOS NO ESPORTE"

FÁBIO PORCHAT, comediante

"EU ME SENTI RIDÍCULA"

ALESSANDRA MAESTRINI, atriz, ao relembrar o fato de ter escondido sua bissexualidade por vergonha

"É UMA ARTE BASTANTE OBSCURA"

PETE TOWNSHEND, guitarrista do The Who, sobre a composição de músicas

"Uma tentativa de golpe em marcha ou extravagância bolsonarista à custa do erário?"

ROBERTO FREIRE, presidente do Cidadania, sobre o desfile de tanques militares na Esplanada

"O microfone é uma arma de informação e educação"

IZA, cantora

FIAT TORO: O QUE MUDA COM O NOVO MOTOR 1.3 TURBO

MOTOR SHOW

INCLUI PÁGINAS DA REVISTA QUATTRORUOTE

FORD BRONCO SPORT

Versátil e com muita capacidade off-road, ele vale o investimento de R$ 260 mil

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ELETRIZANTES!

Testamos os novos elétricos **Hyundai Ioniq 5** e **Mercedes-Benz EQA**. Com receitas diferentes, eles representam o futuro do automóvel. E mais: um **ESPECIAL DE ELETRIFICAÇÃO** explica as tecnologias de **HÍBRIDOS, PLUG-IN, ELÉTRICOS** e **A COMBUSTÃO**. Saiba qual é **o ideal para você**

SUV-CUPÊS

Aceleramos os novos **Citroën C4** e **Renault Arkana**, que trazem beleza e originalidade contra a mesmice dos SUVs médios

VOLKSWAGEN TAOS VS. JEEP COMPASS VS. TOYOTA COROLLA CROSS: QUAL É O MELHOR?

Para anunciar Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. (11) 3618-4269.

por Germano Oliveira

Brasil Confidencial

Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola

BASTA
Luiz Fux abandonou a moderação para se alinhar na defesa dos ministros da Corte atacados por Bolsonaro

O fator Fux

Antes de romper com Bolsonaro na quinta-feira, 5, quando cancelou a reunião que vinha articulando para conter a crise política provocada pelos ataques do mandatário ao sistema eleitoral, o presidente do STF, **Luiz Fux**, temia que o acirramento do conflito levasse a uma ruptura institucional. Tanto que vinha tentando, desde julho, ser o moderador na guerra aberta pelo ex-capitão contra os ministros Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes. Pediu que o presidente se contivesse, mas ele só fez aumentar o tom das críticas com ofensas e xingamentos. A live sobre as fraudes inexistentes foi a gota d'água. Fux resolveu abandonar a postura de mediador e se posicionar na trincheira ao lado dos dois ministros para frear as ameaças golpistas feitas diuturnamente pelo chefe do Executivo.

Diálogo

Fux concluiu que era impossível dialogar com quem despreza a Constituição. A partir de agora, o Supremo só responderá aos ataques do mandatário por meio de sentenças judiciais que tratem da crise envolvendo o sistema eleitoral ou das investigações criminais que envolvem o presidente, como no caso da prevaricação ou da interferência na PF.

Militares

Isso não significa que Fux não vai mais dialogar para alcançar a harmonia entre os Poderes. Depois da reunião com Aras, o magistrado conversará com ministros de Bolsonaro (Ciro Nogueira) e já ligou para Pacheco e Lira. Deve se reunir também com militares, mas já recebeu sinais de que as Forças Armadas não se envolverão nas aventuras do capitão.

A fé move montanhas

Na busca de votos para ir para o STF, André Mendonça tem participado de jantares com senadores, inclusive do PT. Para atraí-los, o ex-chefe da AGU critica a Lava Jato (vários petistas, como Lula, foram presos na operação) e diz que será grato a Bolsonaro, mas garante que no tribunal será "fiel à Bíblia e à Constituição". Vários petistas prometem votar no ministro bolsonarista. Depois não vale chorar.

RÁPIDAS

* Acostumado à política de compadrio com Trump, Bolsonaro agora é tratado com aspereza por Biden. Em visita ao Planalto, o assessor de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, deu um pito no brasileiro: os americanos estão preocupados com as ameaças às eleições.

*** Dos 645 municípios de São Paulo, 346 não registram novas mortes desde 28 de julho. Só não está melhor porque Bolsonaro boicota o governo Doria, cortando 50% das doses da Pfizer que seriam destinadas ao Estado.**

* Lula tem recorrido ao ex-ministro Nelson Jobim (Defesa) para se aproximar dos militares que estão insatisfeitos com sua provável volta ao Planalto. Jobim é diretor de um banco, mas ainda goza de bom trânsito com os fardados.

*** A senadora Leila Barros (DF) deixou o PSB e se filiou ao Cidadania. Moral da história: os socialistas ficaram sem nenhum representante no Senado e a bancada do partido de Roberto Freire aumentou para três.**

FOTOS: WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS; ISAC NÓBREGA/PR; BETO BARATA/AGÊNCIA SENADO; SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS; PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO; MARCOS OLIVEIRA

RETRATO FALADO

"Quem pregar que não haverá eleições será apontado como inimigo da Nação"

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que foi eleito com o apoio de Bolsonaro, procura agora se descolar do mandatário para ter chance de entrar na corrida presidencial. Após o capitão ter voltado a desrespeitar o ministro Barroso, o senador disse que não admitirá retrocessos, advertindo que o Congresso deverá sepultar o voto impresso, contrariando o Messias. Para o senador, mesmo que a Câmara aprovasse a medida em plenário, o voto de papel seria rejeitado no Senado.

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLOS LUPI, PRESIDENTE NACIONAL DO PDT

O que acha do presidente dizer que só teremos eleições se for com o voto impresso?

Nossa defesa é pela recontagem dos votos. Isso só é possível com urnas que armazenam o voto individual. Jamais dissemos que há fraude no TSE e o atual presidente foi eleito por esse tipo de urna.

Datena se filiou ao PSL dizendo que pode fazer aliança com o PDT em 2022. Isso é possível?

Se o PSL não estiver com o atual presidente, sim, podemos ter a aliança. Ciro tem bom diálogo com o Datena.

O que o PDT faria em um eventual segundo turno entre Bolsonaro e Lula?

O PDT nunca apoiou, nem jamais apoiará Bolsonaro, que simboliza tudo que combatemos: a política racista, homofóbica e anticristã. Ainda o verei na cadeia.

Motosserra afiada

Ricardo Salles caiu, mas deixou a motosserra nas mãos de Joaquim Leite, o novo ministro do Meio Ambiente. O Inpe acaba de divulgar que de agosto de 2020 a julho deste ano os madeireiros derrubaram 8.712 km² de florestas na Amazônia, equivalentes à área de cinco cidades de São Paulo. Esse desmatamento é o segundo pior da história. O maior foi registrado de agosto de 2019 a julho de 2020, com a devastação de 9.216 km². Ambos, no governo Bolsonaro, e a maioria, claro, na gestão de Salles. Isso significa que não basta mudar o ministro, porque a política desastrosa para o setor é patrocinada pelo presidente, que não tem compromisso algum com a preservação ambiental.

Pária

É por essa e por outras que Bolsonaro é considerado um pária pelas autoridades internacionais preocupadas com as mudanças climáticas e o aquecimento global. No final do ano, haverá a COP-26, na Escócia, que reunirá todos os presidentes, como Biden e Macron, para a qual o brasileiro nem foi convidado.

A farra das emendas

Bolsonaro é o presidente que mais destinou emendas parlamentares (R$ 41,1 bilhões) para comprar a adesão à base aliada. Com dinheiro saindo pelo ladrão, o senador **Márcio Bittar** destinou R$ 20 milhões para asfaltar as ruas de Gameleira (GO), muito distante do estado que o elegeu (Acre). O valor representa 13 vezes a arrecadação do município.

É a mamãe

O deputado Domingos Neto (PSD-CE) aproveitou as emendas fartas para fazer uma homenagem à própria progenitora, dona Patrícia Aguiar, que vem a ser prefeita da cidade cearense de Tauá. Ele destinou R$ 110,3 milhões dos cofres públicos para a compra de tratores, mas só parte do dinheiro foi revertida na aquisição do maquinário.

O rei da cloroquina no Senado

O senador Marcos do Val não se contenta apenas em ser negacionista. Aproveita as emendas parlamentares para destinar R$ 11 milhões para a compra de 2 mil kits de cloroquina e azitromicina para os doentes com Covid no Espírito Santo. Como se sabe, essas substâncias são ineficazes no combate ao coronavírus, e, mesmo assim, ele joga uma pequena fortuna pelo ralo.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

BRASIL

Indígenas denunciam Jair Bolsonaro em Corte Internacional

1.200 indígenas morreram no Brasil devido à Covid-19. Esse número de óbitos envolve 163 povos

CHORO Indígenas lamentam a morte de liderança kokama, vítima da Covid-19, em Manaus: o governo federal é a outra praga

Em decorrência do total descaso do governo federal, cerca de mil e duzentos indígenas, pertencentes a cento e sessenta povos, morreram de Covid-19. A trágica contagem é do grupo Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Na semana passada, ele apresentou ao Tribunal Penal Internacional, em Haia, mais uma denúncia contra o presidente Jair Bolsonaro, acusando-o de genocídio. Trata-se da terceira ação contra Bolsonaro que desembarca no tribunal, todas elas motivadas pela evidente política anti-indigenista desenvolvida em sua gestão – e que pode ser exemplificada no incentivo ao garimpo ilegal nas reservas. Nessa última representação frisa-se que ocorre no Brasil, contra os indígenas, "um ataque generalizado e sistemático". Mais: é destacado o fato de as atitudes do governo serem intencionais, a ponto de ele valer-se da pandemia para implementar o seu plano de extinguir os mais diversos povos.

> **"Não suportamos mais tanta dor. Ao longo da pandemia, assistimos à morte de dezenas de índios do povo Xavante e Kokama. E vimos o extermínio do último homem do povo Juma"**
>
> **Sonia Guajajara,** líder ativista

LOUCURA O presidente nas redes sociais: ele quer o direito legal de mentir

COMPORTAMENTO

Anatomia do cinismo

Os cínicos se acham perspicazes. São tolos que não percebem o quanto escancaram suas más intenções. Jair Bolsonaro, por exemplo, colocou ponto final em projeto de lei que visa a proibir as redes sociais e empresas de tecnologia de removerem conteúdos de suas páginas, a não ser por decisão judicial. Bolsonaro já teve diversos posts removidos por iniciativa das redes, pelo fato de eles conterem fake news — como apologia à cloroquina ou mentiras sobre o STF. Ele quer chegar às eleições de 2022 entupindo as redes de mentiras. Ao mesmo tempo, Bolsonaro impôs sigilo aos documentos sobre a maracutaia do governo na compra da vacina covaxin (os papéis estão com a CPI). Ou seja: ninguém pode retirar as mentiras que ele fala; e ninguém pode saber das verdades que falam sobre ele.

FOTOS: MICHAEL DANTAS/AFP; REPRODUÇÃO

CPI

Para prender Bolsonaro, basta um escrivão e um investigador

É caso de delegacia, que não precisa sequer de delegado, basta o escrivão e um investigador. Vexame total: Jair Bolsonaro será indiciado por cinco crimes, dentre eles os de curandeirismo e charlatanismo — isso por enquanto, mais delitos virão a engordar a "capivara". Tais crimes constam do pedido de indiciamento que a CPI da Covid decidiu enviar ao Ministério Público Federal, argumentando que o presidente incentivou o "uso de medicamentos sem eficácia comprovada" contra o coronavírus. Tal pedido constará do relatório final da CPI, que dirá que o presidente foi o grande "garoto-propaganda" da cloroquina e ivermectina, disseminando mentiras e levando mais de meio milhão de brasileiros à morte. O entendimento de que é preciso pedir o indiciamento ganhou força após o depoimento de Jailton Batista, diretor-executivo da Vitamedic, fabricante de ivermectina. À CPI, Jailton admitiu que a empresa robusteceu seus lucros, patrocinando a publicação de anúncios favoráveis ao tratamento precoce — método condenado pela OMS, com ineficácia cientificamente comprovada. Mesmo assim, o PhD em medicina, capitão Bolsonaro, seguiu estimulando essa inverdade.

Por enquanto, cinco delitos praticados pelo presidente do Brasil integram a requisição que seguirá ao MPF:

- ***Charlatanismo***
  (três meses a um ano de prisão)
- ***Causar epidemia***
  (dez a quinze anos de prisão)
- ***Curandeirismo***
  (seis meses a dois anos de prisão)
- ***Publicidade enganosa***
  (três meses a um ano de prisão)
- ***Corrupção passiva***
  (dois a treze anos de prisão)

DEPOIMENTO
Ricardo Barros: irritação e mentiras na CPI

O LÍDER NERVOSINHO

Ao prestar depoimento à CPI da Covid, na quinta-feira 12, o líder do governo na Câmara, deputado federal Ricardo Barros, falou mentiras agressivas e causou a interrupção dos trabalhos. Disse ele: "o mundo inteiro quer comprar vacinas e espero que essa CPI traga bons resultados para o Brasil, produza efeito positivo (...) porque o negativo já produziu muito, afastou (...) empresas interessadas em vender vacina (...). O presidente da Comissão, Omar Aziz, deu-lhe a resposta merecida: "afastamos as vacinas que vocês do governo queriam tirar proveito, rapaz (...). Reunião está suspensa, e vamos avaliar o convite do deputado".

FOTO: JEFFERSON RUDY

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
EDITOR EXECUTIVO: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: André Lachini, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Mariana Ferrari, Taísa Szabatura e Vinicius Mendes
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Cibele Camargo, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Letícia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thaís Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Em mais uma decisão estapafúrdia, o presidente Jair Bolsonaro ocupa a Esplanada dos Ministérios com carros blindados da Marinha numa clara tentativa de promover o medo e pressionar os parlamentares a aprovarem a PEC do voto impresso. Oposicionistas consideraram a iniciativa vergonhosa, cuja única função foi esconder a fragilidade política e a falta de ideias do governo

Vicente Vilardaga e Taísa Szabatura

A MARCHA DOS INSENS

TRUCULÊNCIA Para pressionar deputados a aprovar o voto impresso, Bolsonaro monta circo de horrores na Capital Federal

SATOS

Em manobra militar grotesca diante da Praça dos Três Poderes, o presidente Jair Bolsonaro encarna o papel de **ditador bananeiro** para **intimidar parlamentares** e fazer valer a sua vontade perversa de comandar o País com mão de ferro. Mas, com tanques e blindados **soltando fumaça**, ele causa estupefação na República, não convence a ninguém de seus intentos e sai **ridicularizado mundialmente**

Se em estados totalitários — como a Rússia de Josef Stálin e a China de Mao Tsé-Tung — as marchas militares eram incontestáveis manifestações de força e controle, no ridículo governo de Jair Bolsonaro elas são dignas de riso, mas nem por isso menos assustadoras. Em vez de produzir algo útil, o presidente tratou de montar um espetáculo patético na manhã de terça-feira, 10, com dezenas de blindados da Marinha enfileirados na Esplanada dos Ministérios, com parada no Palácio do Planalto, para tentar intimidar parlamentares e pressioná-los a aprovar a sua delirante PEC do voto impresso, que acabou derrotada. De uma forma inédita, Bolsonaro escancarou seus devaneios ditatoriais, no melhor estilo bananeiro, e causou constrangimento na República e em várias partes do mundo onde foi ridicularizado. Também deve ter deixado alguns déspotas, como o venezuelano Nicolás Maduro e o norte-coreano Kim Jong-un se mordendo de inveja pela ousadia do ato. Nenhuma democracia faz o que Bolsonaro fez, criar uma situação ameaçadora para influenciar uma decisão legislativa. É uma atitude vergonhosa que coloca o Brasil em um lugar que jamais deveria estar, com seu regime sendo testado e militares dispostos a entrar na brincadeira diabólica do presidente.

Bolsonaro viu na tradicional Operação Formosa — exercício da Marinha do Brasil que acontece anualmente desde 1988 na cidade de Formosa, em Goiás, com as tropas partindo do Rio de Janeiro — uma oportunidade para fazer valer sua vontade na votação e passar a mensagem de que está pronto para o golpe, algo que também já é motivo de piada. Inventou um desvio de rota, passando por Brasília, que nunca tinha sido feito, a pretexto de receber o convite em papel para conhecer a operação, e armou seu circo de horrores com os olhos voltados para o Congresso. Apesar das Forças Armadas negarem que a atividade tenha sido uma forma de pressionar os parlamentares e alegarem que estava marcada com antecedência, só a ordem presidencial explica a mudança de caminho. Além do presidente, estavam na rampa do Palácio para receber o batalhão motorizado os comandantes da Marinha, almirante Almir Garnier Santos, da Aeronáutica, brigadeiro Carlos Almeida Baptista Jr., e do Exército, general Paulo Sérgio Oliveira, além do ministro da Defesa, general Braga Netto. Outros chefes de poderes, como o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), ou o ministro do STF, Luiz Fux, foram convidados, mas não apareceram. Houve uma dura crítica ao desfile, tratado como mais uma aberração do governo.

INDIGNAÇÃO Omar Aziz, presidente da CPI da Covid, diz que desfile "é ameaça de um fraco que sabe que perdeu"

Lira considerou a realização do evento no dia da votação da PEC uma "trágica coincidência". "Não sendo usual, num país que está polarizado do jeito que o Brasil está, com tantas versões, isso (o desfile) dá cabimento para que se especule

FOTO ABRE: CLAUDIO REIS/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

VERGONHA Presidente, comandantes das Forças Armadas e ministros do governo assistem com ares de seriedade a errática parada militar que nunca deveria ter acontecido

algum tipo de pressão", afirmou. "Essa passagem dos blindados para Formosa realmente apimenta esse momento." Já Pacheco ressaltou que "absolutamente nada nem ninguém haverá de intimidar as prerrogativas do Parlamento". Um dia antes da exibição de fraqueza política bolsonarista, dois partidos, Rede Sustentabilidade e PSOL, entraram com um mandado de segurança no STF para tentar impedir a circulação dos veículos militares pelo Plano Piloto de Brasília, alegando se tratar de uma "ameaça expressa e pública contra instituições, contra as eleições e contra a democracia". O ministro Dias Toffoli negou o pedido. O presidente da CPI da Covid, senador Omar Aziz (PSD-AM), foi certeiro nas críticas ao desfile. "Todo homem público, além de cumprir funções constitucionais, deveria ter medo do ridículo, mas Bolsonaro não liga para nenhum desses limites, como fica claro nesta cena patética de hoje, que mostra apenas a ameaça de um fraco que perdeu", afirmou.

DANOS À IMAGEM

A complacência com as vontades doentias de Bolsonaro cria um constrangimento para a alta cúpula militar. Em termos de apoio a qualquer tentativa tresloucada de golpe, o evento diz pouco. Mas mostra a relação de subserviência das Forças Armadas ao presidente e a disposição dos militares de entrar num jogo amalucado com viés totalitário. Tanques rodando na capital do País, ainda mais expelindo fumaça preta, nunca são bom sinal, mesmo quando denotam fraqueza política. Para o historiador José Murilo de Carvalho, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), o mais surpreendente do episódio foi a participação da Marinha, que possui perfil mais técnico e profissional quando comparada ao Exército, por exemplo. "Desde o início do governo atual, seus comandantes não tinham se manifestado nem contra e nem a favor do governo", disse Carvalho à ISTOÉ. Fora isso, o estudioso afirma que o dia 10 de agosto ficará marcado apenas "como uma tentativa ridícula de amedrontar os deputados". Para o estudioso, que se dedica a analisar a participação dos militares na política brasileira, não há risco de um golpe militar por não haver unanimidade entre as Forças Armadas, que, segundo ele, "já perceberam o dano causado à sua imagem decorrente do uso que delas faz o presidente".

O general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência, definiu o desfile como "vexame nacional" e "infantilidade" por parte do presidente e foi além: "É hora de a Câmara e o Senado deixarem de serem muito tímidos e demonstrarem sua força". O comandante do Exército, Paulo Nogueira de Oliveira, foi convocado para uma reunião ministerial no final da tarde de segunda-feira onde foi informado que precisaria presenciar

a passagem dos blindados. Ele já havia marcado outra reunião para o mesmo horário, que acabou cancelando. A situação mostra que Bolsonaro acertou a passagem do desfile militar em Brasília de última hora, para sincronizá-la com a votação da PEC. Outra coisa que chamou atenção foi a baixa qualidade dos tanques e blindados da Marinha que desfilaram pela Esplanada dos Ministérios. Obsoletos, os equipamentos não lembram em nada os veículos usados atualmente por grandes potências militares. Os SK-105 Kürassier – blindados produzidos na Áustria a partir de 1970 – são usados no País pelo Corpo de Fuzileiros Navais, uma das forças da Marinha. Com canhão no topo, eles foram adquiridos na década de 1990.

A indisposição em participar das brincadeiras de Bolsonaro relembra outra situação na qual o Exército se viu em maus lençóis, ao não punir o general da ativa e ex-ministro da saúde, Eduardo Pazuello por comparecer a uma manisfestação política do presidente. Isso sem falar do antecessor de Nogueira no comando do Exército, o general Edson Pujol que por não apoiar atitudes como a de terça-feira, acabou sendo substituído em abril junto com os demais comandantes das Forças Armadas. O presidente parece acreditar que vive no passado ditatorial do país e todas essas manobras - desfiles, motociatas e substituições de comandantes - remetem ao general da ditadura Newton Cruz. Em abril de 1984, dois dias antes da votação de emenda Dante de Oliveira, que propunha a volta de eleições diretas, Cruz desfilou pomposamente em Brasília montado em um cavalo branco, acompanhado por tanques e seis mil militares. A emenda acabou, de fato, sendo derrubada pelo Congresso, por 22 votos. A vitória do general, no entanto, durou pouco. Já em janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente de forma indireta pela Câmara e as eleições diretas aconteceriam em 1989.

ELEIÇÕES PERDIDAS

A proposta de emenda constitucional, a PEC do voto impresso, principal bandeira eleitoral do mandatário para 2022, foi costurada pelo presidente e seus apoiadores através da propagação mentirosa de que as eleições de 2018 foram fraudulentas. Bolsonaro não deixaria a provável derrota em 2022 passar batida e resolveu se agarrar a uma narrativa sem sentido. Seu sonho era garantir o voto impresso no medo, algo que felizmente não conseguiu. Apesar de não alcançar os 308 votos necessários para alterar a Constituição, a proposta teve 229 votos a favor e 219 contra. O resultado surpreendeu, pois os líderes da Câmara acreditavam que a grande maioria seria contra a volta do papel. Com o arquivamento da PEC, Bolsonaro agora terá uma desculpa na qual se apoiar caso perca as eleições – cenário cada dia mais provável. As simulações com presidenciáveis feitas até agora mostram que ele perde ou empata com a maioria dos possíveis candidatos ao pleito do ano que vem.

O desfile causou a indignação de diversos setores da so-

CONSTRANGIMENTO Imprensa internacional fala em possibilidade de golpe

"Um Parlamento ciente de suas responsabilidades é mais forte do que tanques nas ruas" **Marcelo Ramos**, vice-presidente da Câmara

ESCÁRNIO Jornal britânico ironiza "república de bananas de Bolsonaro"

RESISTÊNCIA Durante parada militar, Senado aprova novo texto da Lei de Segurança Nacional, dessa vez defendendo a democracia

DERROTA O presidente da Câmara, Arthur Lira, engaveta a PEC do voto impresso: próxima eleição terá urnas eletrônicas

ciedade. O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Felipe Santa Cruz, afirmou que "o espantoso e ridículo desfile de tanques na Esplanada demonstra a mediocridade de Bolsonaro". O general da reserva Francisco Mamede de Brito Filho, que chegou a comandar o gabinete do Inep no governo Bolsonaro, fez crítica severa ao antigo chefe: "Triste espetáculo de subserviência e anacronismo". O vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PL-AM), disse não querer acreditar que a decisão seja uma tentativa de intimidação do Legislativo. Afirmou, porém, que se esse for o caso, "aprenderão a lição de que um parlamento independente e ciente das suas responsabilidades constitucionais é mais forte que tanques nas ruas". Surpreendeu ainda mais a fala do vice-presidente da República, Hamilton Mourão. O general da reserva disse que o desfile foi apenas "uma homenagem ao presidente" e ironizou o aparato militar utilizado dizendo que a parada seria uma manobra "para receber maiores recursos".

A imprensa internacional, no entanto, não deixou passar em branco o "Exército de Brancaleone" promovido por Bolsonaro. O jornal britânico The Guardian chamou o exercício militar de "desfile de República de Bananas de Bolsonaro". O americano New York Times e o francês Le Monde também se manifestaram ridicularizando a demostração ou alfinetando o presidente. Para o cientista político e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), Guilherme Casarões, a impressão internacional do ocorrido foi muito ruim. "Deram até mais peso simbólico a esse desfile de tanques no exterior do que no Brasil. Por aqui estamos calejados com insinuações de Bolsonaro e suas pequenas ameaças. Muitas pessoas nem levaram a sério essa demonstração porque sabem que Bolsonaro cria crises como método de governança diariamente", disse. Casarões afirma ainda que a imagem de tanques na rua gera desconfiança. "A imagem é de que o Brasil, antes considerado um País com grande potencial, foi rebaixado para uma republiqueta de terceiro mundo", diz.

Os esforços de Bolsonaro para rebaixar os brasileiros, porém, foram mal sucedidos e, mais uma vez, ele fracassou em seus intentos. Além da derrota na PEC do voto impresso, o Senado aprovava a nova Lei de Segurança Nacional enquanto o circo de blindados acontecia nas ruas. Criada durante a ditadura, agora ganha modernização, punindo ataques contra a democracia e não mais perseguição a pessoas contrárias ao regime que esteja no poder. Os pontos da nova lei definem como crimes o golpe de estado, incitação de crime às Forças Armadas, comunicação enganosa em massa e interrupção do processo eleitoral. Apesar de depender da sanção presidencial, poucas coisas devem ser mexidas no texto, caso volte ao plenário. E, com sorte, a nova Lei de Segurança Nacional pode ser usada em breve contra o próprio Bolsonaro, por seus abusos de poder e veleidades golpistas. ■

VITÓRIA DA DEMOCRACIA

LEI DE SEGURANÇA NACIONAL

O Senado aprovou o projeto que revoga a arcaica legislação criada durante a ditadura militar. O novo projeto adiciona ao Código Penal dez crimes contra a democracia e a cidadania e agora será enviado à sanção presidencial

PEC DO VOTO IMPRESSO

Governo não conseguiu os 308 votos necessários para introduzir a obrigatoriedade do voto impresso. Dos 513 deputados, 229 foram a favor, 218 contra, uma abstenção e 64 ausentes. O presidente da casa não vota

FOTOS: GILMAR FELIX; REPRODUÇÃO; MARCOS OLIVEIRA/SENADO FEDERAL; CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Marechais de contracheque

Centenas de generais se aposentaram como se tivessem servido no posto máximo das Forças Armadas (marechalato), com o objetivo de receber pensões muito maiores do que as merecidas: uma promoção que só poderia acontecer em tempo de guerra

Ricardo Chapola

Graças a uma canetada de Bolsonaro, mais de 200 oficiais das Forças Armadas foram promovidos à patente de marechal, extinta há mais de 50 anos. A medida revela mais um exemplo de como o atual governo se empenha para favorecer a categoria e se dar ao direito de chamar os militares de seus, irrigando as contas bancárias deles e de seus parentes. Ao sancionar uma lei em dezembro de 2019, o ex-capitão se dispôs a gastar mais R$ 8 milhões dos cofres públicos em salários e benefícios aos fardados promovidos ao posto fantasma - direito que se estende à família dos oficiais que falecerem. Um relatório recente da Controladoria-Geral da União (CGU) aponta que o atual governo desembolsou R$ 19,3 bilhões só com o pagamento de pensões a dependentes de militares em 2020.

Segundo a lei que regulamenta o Estatuto dos Militares, promulgada em 1980, a possibilidade de um general ser alçado a marechal só poderia ser permitida em tempos de guerra e não é o que acontece hoje, apesar do mandatário esticar a corda para convulsionar o País. Nos bastidores, esses oficiais beneficiados por Bolsonaro receberam o apelido de "marechais de contracheque". Nas palavras de um general da reserva ouvido por ISTOÉ, o "segredo" dessa história está na tradição da corporação de permitir que militares se aposentem (ingressem na reserva) por uma patente acima da que estão de fato. "Durante a carreira, a gente paga uma porcentagem do salário para receber aposentadoria referente a um posto acima", contou o general. "Os que se aposentam, por exemplo, como general do Exército (o último posto da hierarquia) passam, então, a receber como marechal, um posto fictício, apenas para caracterizar o direito de receber o soldo da patente acima".

TORTURADOR O coronel Brilhante Ustra se aposentou com o posto fantasma, manobra que rende R$ 30,6 mil mensais para suas filhas

"Isso é mais um fato que demonstra o quanto os militares têm sido privilegiados no governo Bolsonaro. A despeito de o presidente, por um lado, ferir as regras, as estruturas hierárquicas da instituição militar, por outro, ele concede uma série de benesses à corpora-

"MARECHAL" Augusto Heleno recebe R$ 100 mil por mês: um privilégio concedido por Bolsonaro

ção", avalia Arthur Teixeira, professor de sociologia da Universidade de Brasília (UnB). É essa a estratégia seguida para conseguir cooptar os militares. Com uma mão, ele atenta contra a hierarquia e a disciplina, utilizando a instituição para fins políticos. Com a outra, ele faz uma série de favorecimentos à corporação e fortalece o corporativismo, explica o cientista.

FANTASMAS

Entre os oficiais fantasmas, cerca de 100 generais do Exército foram alçados ao cargo de marechal durante o governo Bolsonaro, segundo o Portal da Transparência. Entre eles, estão nomes bastante familiares ao mandatário, como o de Augusto Heleno que, além de receber salários e benefícios da carreira militar, soma à sua renda mensal o vencimento de ministro de Estado. Ao fim de cada mês, o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) embolsa uma bolada de mais de R$ 100 mil, conforme demonstra o contracheque de junho de 2021. Comandante do Exército até março deste ano, o general Edson Leal Pujol ajuda a engrossar este rol.

Ídolo do presidente, Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos mais cruéis torturadores da ditadura militar, também figura na lista de marechais fictícios. Apesar de todas as acusações contra Ustra, Bolsonaro nunca se constrangeu em chamar o oficial de "herói nacional". O caso de Ustra, no entanto, guarda lá suas peculiaridades, porque ele ingressou para a lista mesmo não tendo se aposentado na patente mais alta da carreira - a de general do Exército. Ustra foi para a reserva na condição de coronel, o que, pela lógica militar, só lhe permitiria ser conduzido ao posto de general de brigada. Mesmo assim, ele foi agraciado como marechal, entrando na seleta relação dos militares privilegiados pelo bolsonarismo. Pelo fato de ter morrido em 2015, todos os vencimentos adquiridos por Ustra (R$ 30,6 mil) foram transmitidos as suas filhas.

Mais nomes conhecidos deste período obscuro da história também foram beneficiados pela medida. Ex-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) na ditadura, o general Newton Cruz, também foi integrado à lista de marechais pelas mesmas vias tortas que Ustra. Quando se aposentou, Cruz foi para a reserva com a patente de general de divisão. Ou seja, na prática, sua promoção deveria ser limitada aos benefícios do cargo de general do Exército – o posto subsequente –, o que não ocorreu. Ainda vivo, com 96 anos, tem recebido R$ 34,5 mil todo mês de aposentadoria. A farra dos marechais, como o caso está sendo conhecido no Congresso, explica porque muitos militares da reserva apóiam o movimento golpista do ex-capitão. ■

BENESSE O general Newton Cruz recebe R$ 34,5 mil por mês por ter sido "promovido" de forma fictícia: corporativismo e favorecimento

FOTOS: MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL; DIDA SAMPAIO/ESTADÃO; ADÃO NASCIMENTO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

O PIB dá a **resposta**

INDIGNADO
Guilherme Leal, da Natura, diz que questionar as eleições é "totalmente inaceitável"

Nomes de peso da economia manifestam a maior insatisfação com Bolsonaro desde sua chegada ao poder. O agravamento da crise deve aumentar o afastamento

Marcos Strecker

O governo Bolsonaro perde popularidade em praticamente todos os segmentos e vê sua sustentação política evaporar. Mas, até o início do ano, ainda contava com a boa vontade dos empresários, que confiavam na agenda liberal de Paulo Guedes e na promessa de retomada econômica. Esse apoio sofreu fissuras desde o início do ano, quando ficou evidente que o descalabro na compra de vacinas iria frear a recuperação dos negócios. E o afastamento chegou a um ponto de quase ruptura com a escalada do governo contra as urnas eletrônicas.

Esse foi o duro recado transmitido pelo manifesto "Eleições Serão Respeitadas", lançado no dia 5 por empresários, banqueiros e economistas, que começou com centenas de nomes e em pouco tempo ultrapassou seis mil assinaturas. Não é comum a presença de grandes representantes do PIB no debate político, mas essa discrição foi superada pela urgência do momento. Guilherme Leal, fundador da Natura e copresidente do Conselho de Administração da empresa, mostrou ser uma das vozes mais indignadas. Ele considerou "totalmente inaceitável" que lideranças questionem a realização das eleições. "Essa escalada precisa acabar para que a gente volte a gerar renda", defendeu o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Pimentel. Fábio Barbosa, ex-presidente do Santander e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), notou que o manifesto "tem impacto por ser uma manifestação de empresários que normalmente não se manifestam". Ele foi um dos coordenadores do movimento, que começou com poucas dezenas de pessoas ligadas ao Centro de Debate de Políticas Públicas (CDPP) antes de ganhar a adesão massiva.

O manifesto reuniu nomes de peso como Luiz Carlos Trabuco, presidente do Conselho de Administração do Bradesco, Pedro Moreira Salles e Roberto Setúbal (Itaú Unibanco), Luiza e Frederico Trajano (Magalu), Walter Schalka (Suzano), Ricardo Lacerda (BR Partners) e José Olympio Pereira (Credit Suisse Brasil). Em março, empresários já haviam divulgado um manifesto cobrando o governo por medidas efetivas de combate à Covid, que ficou conhecido como a "carta dos 500". Mas, ao contrário dessa iniciativa, que serviu para forçar o governo a acelerar a compra de vacinas, o manifesto pró-democracia, lançado no mesmo momento em que o TSE e o STF passaram a tomar medidas concretas para conter as investidas antidemocráticas, não conseguiu conter a radicalização do governo. Depois que a PEC do voto impresso foi derrubada na comissão especial da Câmara, no dia 6, a matéria voltou ao plenário por pressão do presidente, que organizou um desfile de tanques para aumentar a pressão sobre os parlamentares na última terça-feira. Mes-

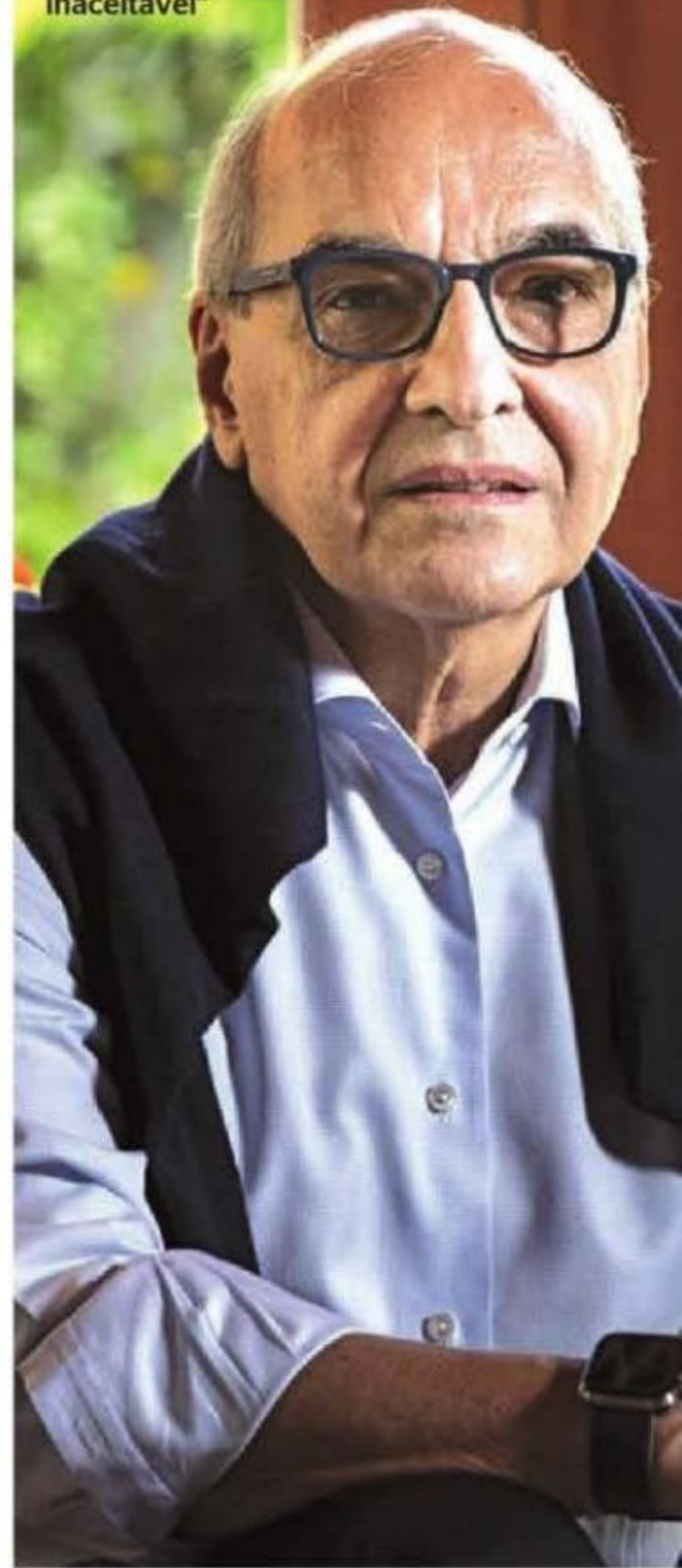
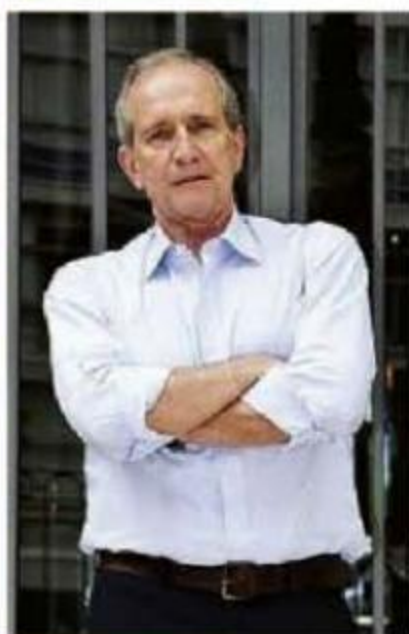



FOTO: ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS; CAROL CARQUEJEIRO/VALOR/FOLHAPRESS; CLAUDIO BELLI/VALOR / AGÊNCIA O GLOBO, RUY BARON/VALOR; DIVULGAÇÃO

"Essa escalada precisa acabar para que a gente volte a gerar renda"
Fernando Pimentel, presidente da Abit

"Os investidores daqui e de fora que querem apostar na retomada do País estão cada vez mais desconfiados"
Eduardo Sirotsky Melzer, sócio-fundador da EB Capital

"Tenho arrepios, como boa parte do mercado, de ver esse arremedo de nacional-populismo crescendo no País"
Daniel Goldberg, sócio da Farallon

"O ano de 2022 é uma zona de incerteza. O que está em jogo não é mais a economia, mas a democracia"
Ana Carla Abrão, economista

mo com uma nova derrota nesse dia, Bolsonaro voltou a levantar suspeitas sobre as urnas eletrônicas.

Além da indignação com a ameaça antidemocrática, o combustível para a insatisfação é a percepção de que o governo Bolsonaro leva a economia a um impasse. Guedes já não consegue mais convencer que vai manter uma pauta coerente de respeito aos bons fundamentos econômicos, pois os programas eleitoreiros de Bolsonaro viraram a prioridade. A paralisia com as privatizações, o calote nos precatórios, a reforma açodada do Imposto de Renda, a pauta antiambiental e a crise energética que colocou o País na iminência de novos apagões são fatores que afastam os empresários dos braços do governo. Isso é sentido especialmente no setor de fundos de investimentos, que lida com as expectativas futuras e com a visão que players do exterior.

"Tenho arrepios, como boa parte do mercado, de ver esse arremedo de nacional-populismo crescendo no País. Essa combinação de blindados na rua, insinuações nas redes sociais e intimidação por meio de milícias digitais me lembra episódios tenebrosos do passado", diz o empresário Daniel Goldberg, que é sócio da Farallon, uma das maiores gestoras de fundos do mundo, com US$ 20 bilhões em ativos. "Este governo ataca permanentemente as instituições democráticas, ao invés de endereçar os problemas verdadeiros e urgentes que o País enfrenta", acrescenta Marcos Lederman, ex-diretor do banco Credit Agricole e sócio-fundador da JointVest. "Mais do que inadequada, a situação traz instabilidade ao Brasil, porque os investidores daqui e de fora que querem apostar na retomada do País estão cada vez mais desconfiados", concorda Eduardo Sirotsky Melzer, da EB Capital, gestora com R$ 3,5 bilhões em ativos no País. A falta de paciência cresce. A perpetuação da crise em três frentes - institucional, sanitária e econômica - pode deteriorar ainda mais o ambiente de negócios e selar o divórcio do PIB com o presidente. Essa ruptura ainda não aconteceu, mas o tom do manifesto foi de ultimato. "O ano de 2022 já é uma zona de incerteza, com a alta da inflação, o desemprego, as preocupações fiscais e o Auxílio Brasil, que é mais um jeito de turbinar votos do que uma ajuda para quem precisa. A questão é que o que está em jogo não é mais a economia, mas a defesa da democracia", resume Ana Carla Abrão, head do escritório da Oliver Wyman no Brasil. ■

Colaborou Vinicius Mendes

PGR em pé de guerra

Ricardo Chapola

A maioria dos subprocuradores-gerais da República está impaciente com a omissão do PGR, Augusto Aras, que permanece de "braços cruzados" diante dos ataques do presidente às instituições

ACUADO
O PGR, Augusto Aras, é criticado por sua inoperância na defesa do regime democrático

A insatisfação da cúpula do Ministério Público Federal com a atuação de Augusto Aras no comando da Procuradoria-Geral da República chegou ao seu nível máximo nos últimos dias. Irritados com a inércia do chefe da PGR para investigar Bolsonaro, seu fiador, subprocuradores-gerais da República chegaram a um consenso: a "paciência acabou", como explicou um dos integrantes influentes do órgão ouvidos por ISTOÉ. O entendimento é que não é mais possível que o procurador-geral "continue de braços cruzados" diante da sequência dos graves ataques desferidos pelo mandatário às autoridades e ao sistema eleitoral.

A gota d'água foi a escalada de declarações autoritárias de Bolsonaro sobre as eleições do ano que vem. Frente a essas ameaças, alguns integrantes do MPF divulgaram um manifesto criticando as falas do ex-capitão e cobrando uma atitude mais dura de Aras quanto às atitudes do presidente. O texto conta com a adesão de 31 dos 74 subprocuradores, entre os quais Nicolao Dino, um dos cabeças do movimento. "Ameaçar que não vai ter eleição é o mais grave de tudo. Não há nada mais grave do que isso. É muito sério. E as provi-

dências tinham que ser tomadas pelo PGR, que não faz nada", afirmou um dos signatários do manifesto, que preferiu não se identificar. "Essa omissão de Aras ofende a nossa convicção sobre o papel do Ministério Público."

Outro subprocurador ouvido pela reportagem disse que aderiu ao manifesto em razão de Bolsonaro colocar a democracia em risco. Citou, inclusive, o desfile de tanques de guerra promovido pelo presidente às vésperas de a Câmara analisar a PEC do voto impresso."O ponto central é que há sinais de desapreço e de riscos à democracia, como os manifestados na exibição bélica da Marinha. E isso, sem dúvida, é inegociável. Cabe ao PGR exercer seu protagonismo como defensor do regime democrático", afirmou. "Ele precisa se posicionar, agindo em relação a esse conjunto de fatos que compõem um cenário preocupante."

RUPTURA INSTITUCIONAL

No documento, o grupo menciona, entre outras coisas, a possibilidade de "ruptura institucional" estimulada pelo presidente, e pede para que Aras deixe de ser passivo diante dos fatos. "Na defesa do STF e do TSE, de seus integrantes e de suas decisões, deve o Procurador-Geral da República agir enfaticamente — já que, na condição de Procurador-Geral Eleitoral, ele tem papel fundamental como autor de ações de proteção da democracia —, não lhe sendo dado assistir passivamente aos estarrecedores ataques àquelas Cortes e a seus membros", escreveram os subprocuradores.

O clima na PGR tem ficado cada vez mais tenso para Aras. Pelos corredores da instituição, a sensação é de que o número de membros do MPF descontentes com a postura inerte dele aumenta a olhos vistos e a cada dia. Muitos afirmam, inclusive, que o apoio ao manifesto vai crescer. O movimento acontece no momento em que Aras está sendo reconduzido por Bolsonaro ao comando do órgão, passando mais uma vez por cima das eleições internas realizadas entre os membros do próprio MPF. A avaliação é que a inoperância de Aras com o passar do tempo despertou uma mobilização entre procuradores que, até então, se mantinham alheios aos equívocos do PGR. "A insatisfação sempre existiu. O que não havia era a mobilização da categoria. E agora há", afirmou um integrante da cúpula do MPF.

COBRANÇA O presidente do STF, Luiz Fux, pede que o PGR exerça suas funções com mais afinco

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

Não é essa a percepção que se tem do posicionamento adotado pelo Procurador-Geral da República. A fala de S. Exa. não constrói e em nada contribui para o que denominou de "correção de rumos". Por isso, não se pode deixar de lamentar o resultado negativo para a Instituição como um todo – expressando, por que não dizer, nossa perplexidade –, principalmente por se tratar de graves afirmações articuladas por seu Chefe, que a representa perante a sociedade e os demais órgãos de Estado.

Os subprocuradores decidiram tornar público o manifesto por esperar que ele tenha o mesmo efeito de um posicionamento anterior que obrigou Aras a tomar providências contra o ex-ministro Eduardo Pazuello, em janeiro, pelo colapso sanitário em Manaus, quando centenas de pessoas morreram asfixiadas por falta de oxigênio. "Não podemos esquecer que foi uma manifestação como essa, feita por integrantes do conselho, que fez com que Aras pedisse abertura de inquérito contra o general", disse um dos signatário do texto. Os procuradores, no entanto, não estão sozinhos. O próprio presidente do STF, Luiz Fux, reuniu-se com Aras na sexta-feira, 6, para cobrar maior empenho do PGR nas ações que envolvem o mandatário. Com o cerco, é de se esperar que agora Aras abandone a postura de novo engavetador-geral da República, título que no passado foi atribuído a Geraldo Brindeiro. ■

FOTOS: SERGIO LIMA; FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

Em busca de palanques

Os **principais ministros** deixarão o governo em abril para **abrir espaço nos estados para Bolsonaro** em 2022

Ricardo Chapola

▸ CIRO NOGUEIRA
(PP-PI)
Ministro da Casa Civil. Pode concorrer ao governo do Piauí

▸ FÁBIO FARIA
(PSD-RN)
Ministro das Comunicações. Deve ser candidato ao Senado ou ao governo do RN

Mesmo sem estar filiado a um partido político a 14 meses das eleições, o presidente Jair Bolsonaro começou a preparar o terreno para que possa ter condições mínimas de estrutura nos estados para disputar a reeleição. O plano do capitão passa por lançar vários de seus ministros como candidatos a algum cargo em regiões consideradas estratégicas pelo Planalto, como estados do Nordeste, reduto petista, ou em São Paulo, o maior colégio eleitoral do País. O objetivo do mandatário é construir palanques pelo Brasil para que pelo menos possa pedir votos na tentativa cada vez mais improvável de se manter no poder.

Dos 23 ministros que integram o governo, pelo menos 12 são cotados para disputar cargos eletivos em outubro de 2022. A estratégia do ex-capitão deve favorecer o Progressistas, principal partido do Centrão, que acabou de receber de Bolsonaro o comando da Casa Civil, um dos postos mais importantes da Esplanada, ocupado por Ciro Nogueira. O senador licenciado, que é também o presidente nacional do PP, deverá ser candidato a governador do Piauí para enfrentar o PT, que domina a política local há oito anos. Ele é cogitado também para ser o vice de Bolsonaro, alavancando o bolsonarismo no Nordeste. O PP deve ser o partido ao qual Bolsonaro deve se filiar.

DISPUTA NO NORDESTE

Nessa região, o mandatário quer jogar pesado, com o lançamento de seus principais ministros como candidatos aos governos estaduais ou ao Senado. É o caso do ministro das Comunicações, Fábio Faria, que deve deixar o PSD para disputar pelo PP o governo do Rio Grande do Norte ou uma vaga no Senado. Nesse mesmo estado, administrado hoje pela governadora Fátima Bezerra (PT), o presidente tem incentivado o ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, a fazer uma dobradinha com Faria. Um disputaria o governo do RN e o outro, a vaga no

ARTE SOBRE FOTOS: GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO; ISAC NÓBREGA/PR; ALAN SANTOS/PR; WALTERSON ROSA-MS

Senado. Outros três ministros também foram escalados para disputar as eleições pelo mesmo partido ao qual o mandatário se filiará. Tratam-se dos ministros do Turismo, Gilson Machado, atualmente filiado ao PSC, cotado a concorrer a uma vaga no Senado por Pernambuco, enquanto o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, deseja pleitear uma vaga no Senado ou o governo de seu estado, a Paraíba.

Aliás, dos 12 palanques que Bolsonaro pretende abrir no País, seis seriam no Nordeste. Assim, um outro subordinado do presidente, João Roma, ministro da Cidadania, está sendo incensado a disputar o governo da Bahia. Para isso, terá que romper feio com seu padrinho político ACM Neto, que também vem pleiteando concorrer a esse cargo. Roma foi, inclusive, chefe de gabinete do presidente do DEM quando ele ainda ocupava a prefeitura de Salvador. Os dois cortaram relações quando Roma decidiu aceitar o convite de Bolsonaro para assumir o ministério, em fevereiro deste ano, contrariando ACM. As chances de Bolsonaro perder o governo baiano com Roma é enorme. Nas eleições presidenciais passadas, Bolsonaro também perdeu na Bahia.

O incentivo de Bolsonaro aos seus ministros segue uma lógica. Fragilizado por denúncias de corrupção na compra de vacinas e com sua popularidade em baixa, Bolsonaro tem motivado ministros que considera mais competitivos nas urnas para que virem palanques bolsonaristas em regiões cruciais. "Acho isso estratégico e importante. Precisamos reforçar a política de direita no Brasil", afirmou o deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), aliado de Bolsonaro e membro da bancada evangélica.

O ex-capitão também está de olho nas eleições em São Paulo, governado por João Doria, que deverá ser o candidato do PSDB a presidente e que hoje venceria o mandatário no segundo turno, conforme revelam os levantamentos dos principais institutos de pesquisa. Para tentar tirar os tucanos do poder no estado depois de quase 30 anos, Bolsonaro quer lançar o ministro Tarcísio de Freitas como candidato ao governo paulista e, ao mesmo tempo, estruturar um palanque no maior colégio eleitoral brasileiro. A questão é que o ministro da Infraestrutura é desconhecido e o candidato de Doria, Rodrigo Garcia, deve atropelá-lo.

A cientista política Nara Pavão, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), explica que o mandatário age como sempre agiu ao longo de sua carreira política, atraindo aliados de forma não convencional. "Isso faz todo o sentido. Bolsonaro saiu enfraquecido das eleições de 2020 e, como ainda não tem um partido político, está buscando ter os seus próprios cabos eleitorais para compensar a ausência de uma máquina partidária", disse. Ela mostra que o ex-capitão sempre teve essa "estratégia capenga" de tentar compensar a falta de estrutura institucional de um partido forte por uma atuação individualista, como aconteceu em 2018 com o PSL. É a cara do bolsonarismo: o desprezo pelos partidos e o culto ao personalismo. ■

▸ TEREZA CRISTINA (DEM-MS)
Ministra da Agricultura. Pode concorrer ao governo do MS

▸ MARCELO QUEIROGA (s/partido)
Ministro da Saúde. Pode disputar uma vaga no Senado pela Paraíba

▸ ONYX LORENZONI (DEM-RS)
Ministro do Trabalho. Deve disputar o governo do RS

▸ TARCÍSIO GOMES DE FREITAS (s/partido)
Ministro da Infraestrutura. É cotado para disputar o governo de SP

OS OUTROS CANDIDATOS

FLÁVIA ARRUDA (PL-DF)
Chefe da Secretaria de Governo. Pode concorrer ao governo do DF

GILSON MACHADO (PSC-PE)
Ministro do Turismo. É cotado para disputar o Senado por Pernambuco

JOÃO ROMA (REPUBLICANOS-BA)
Ministro da Cidadania. Pode concorrer ao governo da Bahia

ROGÉRIO MARINHO (S/PARTIDO)
Ministro do Desenvolvimento Regional. Pode disputar o governo do RN

ANDERSON TORRES (PSL-DF)
Ministro da Justiça. Cotado para disputar o governo do DF

DAMARES ALVES (S/PARTIDO)
Ministra dos Direitos Humanos. Pode disputar o governo do DF

PLENÁRIO DA CÂMARA
O "distritão" e a volta das coligações: duas alternativas igualmente ruins

Retrocesso **sem fim**

O retorno das coligações partidárias e o aumento do fundo eleitoral à casa dos R$ 7 bilhões é a forma que a Câmara encontrou para assegurar seus privilégios

Mariana Ferrari

A reforma política é assunto recorrente no País, daqueles que emperram e teimam em ficar nos palanques eleitorais e nos discursos de deputados e senadores que ocupam o Congresso ad aeternum. Agora, finalmente, ela começa a se materializar. Como tantas outras reformas urgentes, no entanto, está ainda a anos-luz de transformar o nosso modelo em algo racional — e decente. Mais uma vez, cada bloco parlamentar vai puxando a brasa para a sua sardinha, mas, pelo menos em dois pontos, o fogo serve a todos: a manutenção de privilégios e a não reestruturação do establishment político-partidário que opera no parlamento. Em votação a jato, na noite da quarta-feira 11, a Câmara aprovou a volta das coligações partidárias em eleições proporcionais — foram abolidas em 2017. Arthur Lira, o presidente da Casa, surpreendeu os parlamentares por antecipar a sessão, prevista para a tarde de quinta-feira.

PRINCIPAIS MUDANÇAS

Coligações proporcionais
A PEC fortalece os partidos de aluguéis. Terá de passar por um segundo turno na Câmara e pela aprovação do Senado

Fundo eleitoral
Parlamentares podem aumentar a verba pública para R$ 7 bilhões, valendo em 2022

Segundo turno
Eleições de governadores, prefeitos e presidente passam a ter somente um único turno, a partir de 2024

"Distritão"
Rejeitado na Câmara, será votado em segundo turno na Casa e depois chega ao Senado. Rodrigo Pacheco já se posicionou contra, alegando que a proposta favorece caciques políticos

Duramente criticada por especialistas, a proposta do "distritão" foi rejeitada. Com relatoria da deputada Renata Abreu, previa transformar a disputa por vagas na Câmara em algo similar ao que já é visto nas eleições de governadores, prefeitos, senadores e presidente da República. Ou seja: os candidatos eleitos seriam os mais votados nominalmente, e as legendas não mais canalizariam votos a ninguém. Inviabilizaria a renovação parlamentar e beneficiaria os caciques políticos em suas regiões. Tanto o "distritão" quanto o retorno das coligações terão de passar ainda pela aprovação no Senado. O projeto do "distritão", na verdade, foi o bode na sala para que os parlamentares entrassem em consenso sobre o retorno das coligações — o que, na prática, derruba as cláusulas de barreira dá ao País um número absurdamente alto de partidos (hoje são 33). A coligação permite a união de legendas, dando força aos partidos de aluguel. "O principal problema é que os líderes partidários ficam praticamente sem poder", diz Sérgio Praça, doutor em Ciência Política pela USP e professor da FGV. "Partidos políticos organizados são importantes e ajudam o sistema". Essa é a maior reforma eleitoral desde a promulgação da Constituição em 1988 e inclui, ainda, significativo aumento do fundo eleitoral: poderá saltar de R$ 5 bilhões para R$ 7 bilhões. Está em jogo também o fim de reserva para mulheres e negros, um único turno nas eleições de governadores, prefeitos e presidente. Fazendo de conta que estavam votando o futuro, a Câmara manteve o País no passado. ■

FOTO: CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

32º AGÊNCIA MARCAS DE CREDIBILIDADE

PROFISSIONAIS DE CONTABILIDADE - SERGIPE

Nesta edição, trazemos alguns dos mais conceituados nomes da área contábil do estado de Sergipe. A 2ª matéria dos profissionais de contabilidade é fundamental para refletirmos sobre a importância da contabilidade para empresas, municípios, estados e países, compreendendo que a contabilidade é uma das mais importantes e mais belas profissões do mundo. Nesta edição da Agência Marcas de Credibilidade, agradecemos o apoio que recebemos da contadora Maria Salete, da cidade de Aracaju e também, de todos os profissionais da contabilidade que contribuíram em prol do desenvolvimento, união e fortalecimento da classe como um todo. Dessa forma, parabenizamos a todos esses profissionais que estão representando a contabilidade, não apenas em seus municípios, mas, também a contabilidade desse belíssimo e cultural estado.

Texto por Cecília Araújo

ARACAJU

JOSEVALDO MOTA DE SOUZA www.josevaldoassessoriacontabil.com.br

Josevaldo Mota de Souza, Profissional da Contabilidade, empresário Contábil, instrutor e palestrante, está a frente da empresa J&A Assessoria Contabil CNPJ 02.589.350/0001-60 e CRC/SE 00269/O-9, Empresa que atua há 23 anos no mercado. A entidade conta com uma vastidão de serviços no ramo de contabilidade visando oferecer de forma competente e eficaz a satisfação dos seus clientes. Sempre com foco na melhoria dos serviços que são prestados, os colaboradores lutam para que a empresa seja uma referência de excelência, através de muito trabalho e dedicação.

ARACAJU

JOSEVALDO MOTA DE SOUZA www.sbc.cnt.br

A SBC - Sociedade Brasileira de Contabilidade tem como missão incentivar o estudo e ensino da contabilidade, valorizando a profissão e a defesa dos profissionais da área. Josevaldo Mota de Souza, presidente da sociedade, promove na SBC reuniões de interesse científico que possam apoiar e desenvolver as sociedades científicas, estimulando no país, o ensino e a pesquisa no meio. Com a matriz em Aracaju, possui diretores regionais e irá se expandir por todo o Brasil, além de promover cursos, palestras e seminários para desenvolvimento de todos os profissionais do ramo da Contabilidade do Brasil.

ARACAJU

MARIA SALETE @mariasaleteleite

Há 35 anos Maria Salete Barreto exerce um distinto trabalho na área de contabilidade, perícia e auditoria. Atendendo as demandas com grande responsabilidade e uma ilustre entrega dos serviços aos seus clientes na empresa AUDICON, que desde 2002, conta com uma equipe comprometida e altamente capacitada, garantindo qualidade e inovação. Sendo referência na área, a Audicon preza pela excelência nas atividades prestadas e no impacto do seu serviço.

ARACAJU

AÉCIO PRADO D. JÚNIOR @erpaccontabilidade

O ERPAC é uma empresa de assessoria e consultoria nas áreas da Contabilidade e Administração Pública. Durante mais de quatro décadas de atuação vem prestando serviços especializados, sempre pautados na ética, legalidade e no compromisso com a qualidade e eficiência. É experiência e credibilidade à disposição dos seus clientes.

LAGARTO

RIVALDO JUNIOR @ativoscontabilidade.se

Rivaldo Junior, enfrentou as dificuldades para se tornar um grande profissional em sua área e com o intuito de contribuir com o crescimento das organizações e oferecendo competentes soluções, se uniu a outros dois professores universitários de contabilidade para criar a empresa Ativos Contabilidade. Empresa que há mais de 4 anos tem o desafio de influenciar a cultura local evidenciando com práticas fundamentadas nas teorias acadêmicas, de que a forma de gestão é o principal pilar de eficácia na área contábil.

ARACAJU

ALEXSANDRA RODRIGUES consupercont@hotmail.com (79) 3224-7472

A Consuper (Contabilidade e Assessoria Superior Ltda) há 16 anos se destaca nas atividades de contabilidade com toda atenção e cuidado na prestação de serviço. Alexsandra Rodrigues trabalha há 26 anos na área e é uma peça chave no desempenho da empresa que oferece várias funções como assessoria contábil, fiscal , departamento pessoal , contabilidade no terceiro setor, abertura e baixa de empresas, assessoria MEI como também nas declarações de imposto de renda de pessoa física e outros serviços contábeis. Todos exercidos da melhor forma para seus clientes.

ARACAJU

IONAS MARIANO www.marianocontabilidade.com.br

Ionas Mariano há 20 anos vem atuando fortemente em assessoria e consultoria contábil, em diversos segmentos empresariais em Sergipe e também em outros estados. Há 10 anos, através da empresa Mariano Contabilidade & Consultoria vêm implementando um modelo de contabilidade inovadora, pautada em gestão, planejamento e tecnologia, impactando o mercado e auxiliando as empresas nas áreas de fiscal, contábil, tributária e trabalhista. Sempre pronto para auxiliar seus clientes com credibilidade e acolhimento, prezando pelo profissionalismo e qualidade para com seus clientes, buscando o primor na prestação de serviços de cada um de seus colaboradores.

ARACAJU

ARISTARCO TELES e EVANEIDE XAVIER @lacelcnt

A Empresa Lacel Contabilidade Empresarial e Condominial é comprometida há mais de 33 anos em prestar serviços de qualidade, com ética, respeito, honestidade e confiança, visando a segurança dos seus clientes com as atividades prestadas. A diretoria composta por dois sócios Aristarco Teles e Evaneide Xavier, bem como seus colaboradores estão sempre elaborando novas estratégias para atender as necessidades de seus clientes de forma qualificada, sempre atualizando os seus trabalhos e se adaptando em oferecer o melhor e mais atual serviço.

SIMÃO DIAS

JILVANO SANTANA @conatecontabilidade_cursos

O CONATE atua há mais de 15 anos no mercado de trabalho contábil sob a direção do fundador e CEO, Jilvano Santana, que além de empresário e contador, é coach executivo e comercial, palestrante em eventos, especialista em Gestão Fiscal e Planejamento Tributário. A empresa presta assessoria e consultoria contábil para todo porte de empresas, além de outros serviços de apoio ao empreendedor como cursos, recrutamento e seleção de pessoal e combate à inadimplência. Como exemplo do seu serviço recebeu em 2019/2020 o prêmio de Melhor Atendimento Contábil.

ARACAJU

ADÉRIO ARAÚJO @aderiovaraujo

Sendo diretor da Acesso Contábeis Ltda, José Adério dirige a empresa há 4 anos, gerindo com excelência, de acordo com seus 19 anos de experiência no mercado de trabalho. Especializados em Assessoria, Serviços contábeis e planejamento tributário, oferecem um atendimento com responsabilidade e proeminência, pensando sempre no cliente e no melhor serviço que podem oferecer, por isso possuem total confiança de seus clientes.

ARACAJU

ADELMA LIVRAMENTO @contad_aju

Adelma Livramento com sua grande experiência no mercado, atua na CONTAD-Contabilidade, empresa que há 26 anos proporciona uma prestação de serviço que se importa com o sucesso de seus clientes. Executam atividades em assessoria e consultoria nas áreas contábil, fiscal, trabalhista, tributária e societária, escritório virtual e gestão condominial. Além de se preocupar com o serviço ao cliente, a empresa se importa em ser reconhecida pelo profissionalismo e por proporcionar um ambiente de trabalho estimulante.

ARACAJU

ANTÔNIO ALVES CARVALHO e RAIMUNDO ALVES CARVALHO @audiplacse

Antônio e Raimundo Alves possuem mais de 40 anos de experiência como contadores. Sendo sócios da Audiplac Planejamento Contabilidade S/C Ltda, a empresa especializada na área de contabilidade pública, comercial e condominial. Além dos serviços prestados realizam concursos públicos, cadastro sócio econômico, auditoria tributária e pessoal (RH), trabalhando sempre com boa qualidade de profissionais, bom serviço e idoneidade.

O cabide de emprego de Damares Alves

O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos não cuida de suas áreas de atuação. Ele serve para abrigar amigos e funciona como órgão de aparelhamento político do Poder Executivo

Mariana Ferrari

No Brasil, quando se julga que um ministério não está servindo para absolutamente nada, tal julgamento está equivocado - ele está servindo, e muito, para empregar amigos e gente que corresponda ao aparelhamento desejado pelo Poder Executivo. Tanto aqui quanto em qualquer parte do mundo que englobe nações com governantes sérios e democráticos, uma pasta voltada a cuidar de temas relacionados aos direitos humanos, à mulher e família tem de basear a sua atuação em preceitos legais — e, sobretudo, em princípios constitucionais. E deve selecionar criteriosamente seu quadro de funcionários. Ocorre, no entanto, que no País o governo não respeita a democracia e a seriedade é um balcão de favorecimentos. Aquilo que conta, mesmo, é a ideologia — de direita ou extrema-direita. No caso do ministério em questão, ocupado por Damares Alves, funciona ele como cabide de emprego, a distorcer as questões pelas quais deve zelar. Nem as mulheres, nem a família e nem os direitos humanos estão bem tratados ou protegidos, uma vez que são olhados com filtros ideológicos. É assim que Damares, a ministra que um dia já quis de forma autoritária e retrógrada impor a cor da roupa de meninas e meninos, costuma operar. A sua pasta é totalmente inoperante; mas trata-se de um empregão. Senão vejamos:

ÂNGELA VIDAL GANDRA: está na pasta por ideologia

AMIZADE E SILÊNCIO Paulo Roberto (à esq.) e Damares Alves (à dir.): juntos na inoperância

Quando começou em seu primeiro dia de trabalho no Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, em fevereiro desse ano, Eduardo Miranda Freire de Melo parecia estar disposto a cumprir tripla jornada. Horas depois, no entanto, já mostrava que seu objetivo não era fazer sequer meia jornada. Melo queria, mesmo, era defender o seu salário e sua retrógrada ideologia - ou seja, queria emprego, não trabalho nem serviço. Além de ser fiel seguidor do filósofo de internet Olavo de Carvalho, o que já diz tudo no campo ideológico, o servidor Melo, em pleno Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, jamais se posicionou contra a tortura. Uma coisa, porém, ele fez: menosprezou vítimas torturadas. O seu caso não é raro. A continuidade do tranquilo usu-

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

fruir do emprego dá-se com o tenente-coronel Paulo Roberto, figura conhecida entre a extrema-direita e que esteve ao lado do então deputado federal Jair Bolsonaro, servindo como assessor parlamentar. Roberto, que está à frente da Secretaria de Igualdade

O governo não respeita a democracia e a seriedade é um balcão de favorecimentos

Racial, manteve-se no mais obsequioso silêncio após o Brasil passar por graves episódios de racismo. Em todos eles, o ministério emudeceu.

CONSERVADORES? NÃO

Já uma das secretarias das quais Damares mais se orgulha, a Nacional da Família, é ocupada pela bolsonarista Ângela Vidal Gandra – ela também é próxima da deputada Carla Zambelli, de quem foi madrinha de casamento. Mas, nesse caso, impoõe-se uma ressalva: Ângela trabalha muito e corretamente, não faz do posto cabide de emprego. O problema são outros funcionários. "Os governantes no Brasil se dizem conservadores, mas conservadores não fariam o que está sendo feito com os órgãos públicos", diz o cientista político Márcio Coimbra, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos, na Espanha. Na avaliação de Coimbra, a forma de proceder do governo tem somente uma agenda populista. Como pode-se notar, o ministério que deveria cuidar da integridade humana, defendendo os cidadãos de possíveis violência do Estado, tornou-se uma repartição pública para o estamento burocrático político identificado com a direita. Nesse caso, as violações tendem, infelizmente, a piorar. ■

PROPAGANDA O ministro da Cidadania João Roma promove novo programa do governo

A TV do presidente

Com transmissões semanais de suas lives, a TV Brasil vira o canal público de Jair Bolsonaro – inclusive investigado por ter antecipado sua campanha eleitoral

Mariana Ferrari

O princípio de qualquer veículo de comunicação é buscar a verdade. Por isso, Jair Bolsonaro ataca, constantemente, a imprensa – afinal, ele foi eleito disparando fake news e prosseguiu com o hábito mesmo depois de assumir a República. No entanto, há uma única mídia que o presidente aplaude e defende: a TV Brasil. O canal público, ligado ao Ministério das Comunicações, tornou-se o seu parque de diversões. Por lá, as famosas lives de disseminação de notícias falsas são transmitidas. Somente neste ano, 79 horas da programação foram destinadas a eventos de Bolsonaro. Em 2020, o canal dedicou a ele 115 horas. Em tais transmissões há falsas acusações de fraude no sistema eleitoral, slogan de campanha para as eleições de 2022 e, claro, a defesa do voto impresso.

Por essas e outras, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) está investigando Bolsonaro por ter usado a estatal para iniciar sua campanha eleitoral – o que é proibido. Ou seja, a Corte vai avaliar o uso político de um veículo público que tem como principal objetivo informar a população. "A República impõe decência, integridade e compostura nos atos e comportamentos dos agentes públicos", disse a ministra Cármen Lúcia, relatora do caso.

Quando ainda era candidato à Presidência, Bolsonaro dizia que, se ganhasse o cargo acabaria com a TV Brasil. Ele, no entanto, a manteve, mas para uso pessoal e de seus aliados. O ministro da Cidadania, João Roma, por exemplo, foi ao canal defender a substituição do Bolsa Família pelo Auxílio Brasil. Bolsonaro transformou o canal, inclusive, em palanque político, utilizando uma camiseta com a estampa "É melhor JAIR se acostumado – Bolsonaro 2022". O Ministério Público Eleitoral tomou providências e pediu que o presidente fosse multado – ele tentou se justificar dizendo que ganhou a camiseta de presente. A situação criada na TV Brasil, porém, se tornou insustentável. ■

O MUNDO

Relatório da ONU sobre **mudanças climát** o aquecimento global está se tornando **irrev** em grande escala, se as emissões de CO_2 não fo **públicas** para evitar as **queimadas** e os d da história enquanto seu território seca

uem negar, nessa altura, que o clima está mudando e que isso acontece por causa da ação humana, está ruim da cabeça ou age de má-fé. A sexta edição do Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, divulgado segunda-feira, 9, confirma, de maneira peremptória, que todas as regiões da Terra estão passando por alterações perturbadoras e que nosso futuro e o das próximas gerações está seriamente ameaçado. A parte mais visível dessa catástrofe se observa, por exemplo, nas geleiras do Ártico, em derretimento contínuo e acelerado, nos incêndios na Itália ou na Grécia, nas enchentes na Alemanha, na seca do Rio Paraguai, a mais severa da história, e na desertificação do semiárido nordestino. O nível dos oceanos subiu de 1,35 milímetros por ano, entre 1901 e 1990, para 3,7 milímetros por ano, entre 2006 e 2018 e se tornou irreversível neste século, de acordo com o IPCC. O Brasil é vítima e algoz dessa destruição programada, que deveria ter sido contida há pelo menos 30 anos, mas foi negligenciada. É o sétimo maior produtor de gases do efeito estufa, segundo números do Observatório do Clima, e tem dado repetidos sinais de irresponsabilidade para o mundo, estimulando queimadas e fazendo

CATÁSTROFE
Mais contundente documento oficial feito até hoje sobre o aquecimento global mostra que se emissões não forem contidas, nosso fim está próximo

PEGA FOGO

icas golpeia o **negacionismo** e mostra que **ersível** e vai ficar cada vez mais **mortífero**, rem contidas. Desgovernado e sem **políticas** esmatamentos, o Brasil segue na contramão

Vicente Vilardaga

pouco para combatê-las. Paga um preço alto sofrendo na pele as consequências severas do descontrole global nas emissões de gás carbônico (CO_2).

O novo relatório do IPCC é o mais incisivo e contundente de todos os publicados até hoje e diz sem meias palavras que o mundo está mergulhado num ciclo de destruição e que se nada for feito imediatamente o sofrimento de grandes populações será inevitável. "O estudo mostra com clareza que a mudança climática está atingindo todas as pessoas, todos os países e todos os setores da economia", afirma o cientista Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP. "E mostra também que o Brasil vai ter de mudar sua trajetória de desenvolvimento de qualquer forma e instituir políticas públicas para conter a destruição. "Em linhas gerais, o documento ratifica a necessidade de diminuição das emissões de gases em 7% ao ano a partir de agora para fazê-las cair pela metade em 2030 e chegarem a zero líquido em 2050, com as emissões existentes sendo neutralizadas pela remoção de carbono. Só dessa forma, o aquecimento global poderia ser revertido. Caso não seja, a temperatura média no planeta aumentará além de 1,5° C nas próximas décadas, o que levaria a uma total imprevisibilidade dos fenômenos naturais e a uma ampliação da tragédia que já estamos assistindo. As ações humanas, segundo o IPCC, contribuíram com 1,07°C para o aumento da temperatura média. "O relatório é um alerta vermelho para a humanidade", disse o secretário-geral da ONU, António Guterres. "Devemos por fim ao carvão e às energias fósseis antes que destruam nosso planeta."

"O Brasil é hoje, entre as maiores economias do mundo, o único país que ainda atua no negacionismo", afirma Mauricio Voivodic, diretor executivo do WWF-Brasil. "O País retrocedeu muito no seu papel de liderança no debate climático global e hoje está em posição de isolamento." Segundo Voivodic, o relatório do IPCC trouxe para o dia-a-dia a

FOTO: STRINGER/REUTERS/FOTOARENA

ENCHENTES Fortes chuvas e inundações devastadoras e atípicas atingiram Alemanha, Bélgica e Holanda e mataram quase 200 pessoas. É um dos maiores desastres naturais na Europa nas últimas décadas

preocupação com o risco de emergências climáticas como tempestades, furacões, secas prolongadas e ondas de calor, que se espalham por todo o planeta e não podem mais ser questionadas. As ondas de calor, por exemplo, triplicaram no mundo atual se comparadas ao período 1850-1900 e as variações extremas de temperatura, que eram registradas uma vez por década, agora ocorrem 2,8 vezes no mesmo período. Enquanto os Estados Unidos, a China, a União Europeia e a Rússia assumem compromissos importantes de redução das emissões, o Brasil pratica uma política de destruição programada das florestas que coloca a perder todos os compromissos internacionais assumidos desde a Eco-92. "A política desse governo é aumentar o desmatamento até onde for possível e entregar para grileiros as terras da União e as reservas indígenas", afirma Artaxo.

O relatório do IPCC servirá de base para as discussões da próxima reunião da 26ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU (Cop26), que acontecerá a partir do dia 31 de outubro em Glasgow, na Escócia. Ali, serão definidos os próximos passos para a implementação completa do Acordo de Paris, compromisso para conter o aquecimento global que entrou em vigor em 2016. Ratificado por 147 países, ele ainda está longe de alcançar suas metas. Em Glasgow, os participantes terão oportunidade de reforçar seu empenho no controle de emissões e exigir um maior comprometimento dos signatários do acordo. Espera-se que essa reunião se converta num marco histórico das discussões sobre o clima com a reorientação dos esforços globais para confrontar a crise. Outra expectativa é que os Estados Unidos, agora sob o comando de Joe Biden, retomem o protagonismo no debate. Uma das primeiras decisões de Biden ao tomar posse foi voltar ao Acordo de Paris. Quanto ao Brasil, representado pelo presidente Jair Bolsonaro, chegará ao encontro sem nada de produtivo para mostrar e sem políticas públicas capazes de conter a destruição das florestas, principal contribuição do País para as emissões de CO_2.

Incapaz de assegurar um desenvolvimento menos destrutivo, o País ainda toma decisões na contramão do esforço mundial para conter a poluição. Além do problema dos incêndios cada vez maiores, as perspectivas brasileiras de contenção futura das emissões

EXTREMOS
O Sul e o Sudeste do Brasil enfrentam uma onda de frio sem precedentes, com geadas e neve: variações bruscas de temperatura

INCÊNDIOS A região do Mediterrâneo, especialmente a Grécia e a Itália, sofre com uma das piores ondas de calor da história, com temperaturas beirando os 50°C

de gás carbônico pioraram. O motivo é o aumento da produção de termoeletricidade nos próximos anos, exigência para compensar a falta de energia hidrelétrica, comprometida pelo esvaziamento dos reservatórios em todo o País – outra evidente consequência do aquecimento global. A Medida Provisória 1031/2021, que trata da privatização da Eletrobras e tramita no Senado, prevê a contratação de termelétricas que operarão em tempo integral com a queima de combustíveis fósseis. Caso a MP seja aprovada, as emissões de gases do efeito estufa do setor elétrico terão um acréscimo de 13,1 $MtCO_2e$, aumentando 24,6%. Há uma evidente falta de visão estratégica nessa medida. Se optasse por fontes limpas, como a solar ou a eólica, segundo Artaxo, o País também poderia suprir suas deficiências energéticas sem contribuir para o efeito estufa.

O relatório do IPCC destaca vários problemas que o Brasil vêm enfrentando e que tendem a se acentuar devido às mudanças climáticas. Um deles é a desertificação do Semiárido, que já avança para um território equivalente ao da Inglaterra. Outro é o aumento das secas agrícolas em todas as regiões, inclusive no Centro-Oeste, com o encolhimento das áreas cultiváveis. O Rio Paraguai enfrenta uma das piores secas de sua história. Em várias partes do País há previsões pessimistas para a produção de alimentos nas próximas décadas. O relatório da ONU deixa claro que o mundo está à beira do abismo, mas ainda há chance de recuar na destruição e garantir uma vida melhor e mais sustentável para as próximas gerações. "O texto do relatório usa um novo vocabulário mais certeiro e dá inúmeros exemplos concretos da destruição acelerada", afirma Fabiana Alves, coordenadora das campanhas de Clima e Justiça do Greenpeace. "Todos estão atentos ao recado que os cientistas estão passando: não há mais tempo para ignorar a crise do clima. É preciso agir logo. "Felizmente, a voz da ciência, apesar de expor a crise, dá a receita explícita do que deve ser feito para garantir a sustentabilidade climática do planeta: controlar as emissões de CO_2 o mais rápido possível e de uma vez por todas. ■

DESERTIFICAÇÃO **Secas prolongadas na região Centro-Oeste reduzem áreas cultiváveis e ameaçam o futuro da produção agrícola; área desertificada no Semiárido já equivale ao território da Inglaterra**

FOTOS: THILO SCHMUELGEN/REUTERS/FOTOARENA; ANGELOS TZORTZINIS/AFP; TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO; DIVULGAÇÃO

RECLAMAÇÕES
Procon em São Paulo: redução de 8,19% nos planos individuais e aumento médio de 9,84% nos empresariais

Consumidor emparedado

Com a escassez de planos individuais, o cidadão é empurrado para a compra de planos empresariais, chamados no mercado de "falsos coletivos". MEIs fantasmas ou inativas beneficiam operadoras e deixam beneficiários sem proteção

Marcos Strecker

“Há dominação do mercado que força milhares de pessoas a migrarem para o SUS. O sistema está distorcido e falta transparência”

Fernando Capez, diretor executivo do Procon-SP

A pandemia representou um teste de stress inédito para o sistema de saúde. Se o SUS provou seu valor, os planos de saúde privados mostraram mais uma vez as deficiências da regulação. E essa falta de proteção penalizou especialmente as pessoas que perderam empregos e foram empurradas para a informalidade, sendo obrigadas a participar de um esquema de abertura de empresas fantasmas individuais, as MEIs.

Há poucas opções no mercado fora dos planos de saúde empresariais ou coletivos. Isso porque as grandes operadoras evitam oferecer planos individuais e familiares, ou simplesmente não têm mais essa opção. Essa modalidade é a única em que a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), que regula o mercado, controla os reajustes anuais a partir de planilhas de custos fornecidas pelas empresas. Também é a única que impede o cancelamento unilateral.

A brecha que o mercado encontrou foi oferecer planos empresariais, muitas vezes individuais, por um valor menor. A legislação permite isso. Eles são oferecidos por um valor inferior pelos corretores. Por não terem o mesmo controle, sofrem aumentos que diminuem as vantagens iniciais, que são apenas aparentes. A disparidade ficou flagrante em julho passado. Os planos individuais tiveram pela primeira vez um índice negativo de reajuste. Por decisão da ANS, precisarão reduzir as mensalidades em 8,19%. Isso ocorreu por causa da pandemia, pois houve redução no número de consultas (-25,1%), de exames (-14,6%) e de internações (-15,6%).

Mas esse alívio não alcançou o cliente de planos coletivos, que amargou um reajuste médio de 9,84% nos contratos com até 29 vidas, segundo dados preliminares da ANS. Há casos em que os aumentos chegaram a 16%. Para os planos com mais de 29 vidas, o reajuste médio foi ligeiramente menor: 5,55%. A disparidade nos reajustes colocou mais pressão no mercado dos planos coletivos. Quem está amparado nos contratos feitos pelos empregadores ou por entidades de classe nos planos de adesão ainda conta com algum tipo de negociação com as operadoras. Mas os microempreendedores individuais e seus familiares, que são os chamados “falsos coletivos” no mercado, estão à mercê das grandes operadoras. “Não há negociação entre empresas. Há dominação do mercado que força milhares de pessoas a migrarem para o SUS”, critica Fernando Capez, diretor executivo do Procon-SP.

Fontes do mercado estimam que existam 2,5 milhões de beneficiários em planos de 1 a 4 pessoas. Essa é a parcela mais vulnerável do sistema. Há denúncias de que corretores induzem clientes a abrirem MEIs (um processo simples, que pode ser feito pela internet) apenas para conseguirem contratar planos de saúde. A Associação Brasileira de Combate à Falsificação (ABCF) denunciou esse esquema à ANS, à Receita Federal e ao Ministério Público Federal em 2017. Segundo Rodolpho Ramazzini, diretor da entidade, a ANS redigiu na época a norma para regular as MEIs, o MPF abriu ações e a Receita fez uma varredura nas suas bases, suspendendo 1,4 milhão de CNPJs. “Mas depois disso a fiscalização

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; GABRIEL REIS

não foi mais para a frente. Agora, está voltando a acontecer com frequência e em grandes quantidades", afirma. Segundo ele, há ainda corretores que abrem MEIs sem o conhecimento do próprio cliente. "Isso ainda acontece muito, principalmente com os mais pobres. A gente recebe denúncias de pessoas que contratam o plano empresarial sem entender o processo. Depois de um ano, recebem uma carta da Receita com as taxas atrasadas do MEI, que nem sabiam que existia. Isso cresceu muito de um ano para cá." A ANS, a quem compete fazer a fiscalização sobre os CNPJs, transferiu essa responsabilidade para as próprias operadoras, o que é visto por especialistas como uma incongruência, já que as companhias não têm interesse em se desfazer desse tipo de cliente. E essa carteira (de MEIs e pequenas empresas) é uma das mais lucrativas para as operadoras.

Os dados são nebulosos, o que é conveniente para as empresas. O Procon paulista, que atua no mercado de 70% dos usuários de planos privados do País, tem liderado a luta para que a ANS apresente os dados dos contratos com empresas que tenham um único titular. A entidade argumenta que nos casos em que haja irregularidade no CNPJ todos os beneficiários devem ser convertidos para a modalidade individual, como preconiza a resolução da ANS de 2017. Mas não há cooperação, critica Capez. "Estamos pedindo transparência para identificar os falsos planos coletivos. CNPJs que estiverem inativos ou tiverem sido criados apenas para finalidade de planos de saúde. Poderíamos beneficiar milhões de consumidores", afirma. A entidade também entrou com uma ação na Justiça Federal para que a agência fiscalize os reajustes dos planos coletivos. "Registramos aumentos de até 228%", protesta Capez. O diretor executivo do

Clientes são induzidos a abrir MEIs e há a suspeita de que exista uma grande massa de CNPJs inativos. A ANS não tem esse número, nem faz esse controle

Procon-SP diz que a estimativa é que 30% do valor das mensalidades dos planos coletivos se refiram a despesas burocráticas, como taxas administrativas e de corretagem. Nos planos coletivos por adesão (13% do mercado), também há um "spread" pouco transparente que embute a margem de lucro e representa despesas administrativas. Fontes do mercado acreditam que ele encarece esses contratos entre 20% e 30%.

A ANS diz que os planos coletivos são "um instrumento contratual firmado entre a operadora e a pessoa jurídica contratante" e defende sua resolução de 2017 que permitiu a contratação de plano empresarial individual. Para a agência, isso "contribuiu para coibir abusos relacionados a esse tipo de contratação, garantindo proteção ao beneficiário do plano de saúde e mais segurança jurídica e transparência no mercado". Não é a opinião da coordenadora do programa de saúde do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, Ana Carolina Navarrete. "O que sabemos, anos depois dessa resolução, é que não fez diferença. As pessoas continuam abrindo CNPJs para contratarem planos de saúde", diz. Segundo ela, "a primeira pergunta que o corretor faz é se o cliente tem CNPJ. A segunda é a profissão. A corretagem já está orientada para a oferta de planos coletivos, por meio de MEI ou alguma associação de classe", afirma. Segundo ela, os planos individuais costumam ter preços de entrada maior porque não podem ser reajustados pelos mesmos valores abusivos dos planos cole-

DIFICULDADE A esteticista Antonia Oliveira precisou trocar o plano empresarial por causa do preço: "Sei que os aumentos não serão baixos"

CALVÁRIO Gerente de vendas, Luciene Martini foi orientada a buscar convênios menores "que ainda vendem planos individuais, ao contrário dos grandes"

tivos. "No entanto, em dois anos de uso do plano empresarial, contando com os reajustes que ele vai sofrer, o valor já compensa o que o convênio deixou de cobrar na contratação", explica.

Consumidores reclamam que são orientados a abrirem planos empresariais. É o caso da gerente de vendas Luciene Martini, que se mudou de Fortaleza para São Paulo e precisou contratar um plano com cobertura na cidade. "Os corretores me dizem que a melhor opção são os planos empresariais, que são mais baratos e têm a mesma carteira de atendimento dos planos individuais. Alguns também me orientaram a procurar convênios menores que, ao contrário dos grandes, ainda vendem planos individuais." A esteticista Antônia Oliveira, de Embu das Artes (SP), abriu uma MEI em 2018 visando obter um plano empresarial para ela e os dois filhos, pois era mais barato do que o individual. Mas, com os reajustes, precisou mudar de operadora. Ouviu que era melhor voltar a contratar um plano com sua PJ. Contratou então um novo plano empresarial por R$ 600 para ela e os dois dependentes, voltando ao valor que pagava em 2018. Se fizesse um plano individual, desembolsaria R$ 1.200. "Quando procurei o convênio, a primeira coisa que me perguntaram foi se eu ainda era MEI. Nem apresentaram propostas de planos individuais. Eu que perguntei, e ouvi que eles não eram vantajosos. Espero não ter de procurá-los daqui a dois anos para refazer o plano, mas sei que os reajustes a partir de agora não serão baixos."

Para Ana Carolina, do Idec, o ideal seria que a ANS regulasse os planos coletivos "de verdade". Para ela, há a ideia de que a ANS não precisa controlar os planos coletivos, pois as empresas estão negociando diretamente com os clientes, o que não acontece na prática. Segundo ela, não há poder de barganha em nenhum contrato, nem nos pequenos, nem nos grandes. Além disso, é importante enfrentar o uso indevido de MEIs para substituir planos que não interessam às companhias. "Os planos via MEI, na prática, são individuais. A questão é que a ANS resolveu fechar os olhos para a falta de oferta dos planos individuais e ratificar, através da regulação, a possibilidade de contratar planos de saúde para a família sem a mesma proteção da regulação pública do individual." ■

Colaborou Vinicius Mendes

DESASSISTIDOS

Consumidores não conseguem contratar planos individuais e são obrigados a utilizar CNPJs. Planos empresarias não têm reajuste regulado

2,5 MILHÕES são beneficiários de planos coletivos empresariais de até 4 vidas. Não há garantia de cobertura nem controle sobre os reajustes para eles

2 MILHÕES são os contratos com CNPjs de Microempreendedores Individuais (MEIs)

1,8 MILHÃO de MEIs foram abertas em 2021. Em 2020, havia 11,2 milhões de MEIs no País

2,4 MIL CNPJs de MEIs e Pequenas e Médias Empresas (PMEs) foram inativados em 2021 por qualquer razão

48,1 MILHÕES têm planos de saúde, dos quais:

ÀS MÁSCARAS, cidadãos!

A **variante Delta da Covid-19**, transmissível na velocidade de um rastilho de pólvora, já obriga o retorno a medidas restritivas. Para quem imaginou que o vírus fosse coisa do passado é difícil crer que ele nunca esteve tão presente

Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

Assim como os demais vírus, também o Sars-Cov-2, responsável pela pandemia de Covid-19, precisa das células humanas para sobreviver. Nelas, o vírus se replica e, nesse processo natural, pode ocorrer a multiplicação com alguma falha genética que distancie determinados exemplares de sua linhagem principal. O produto dessa falha é o que a ciência chama de variantes — e elas nascem mais ou menos agressivas, com maior ou menor potencial de transmissibilidade. A mais recente variante é a mutação denominada Delta, que já se espalha por 130 países, segundo dados divulgados na semana passada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Também na última semana, cientistas concluíram que cerca de 90% dos casos de sequenciamento genético do vírus da Covid, abrangendo o planeta, apresentam atualmente a variante Delta. E, novamente, reforçaram em âmbito mundial a necessidade do uso de máscaras, mesmo nos países que já as tinham abolido. É uma regressão? Sim. Mas inevitável.

Menos nociva para o organismo humano, mas não necessariamente menos perigosa, ela vem infectando, sobretudo, os incautos que não quiseram ou as populações pobres que não puderam se vacinar. Esse fato demonstra, mais uma vez, a importância da vacinação. Não importa a farmacêutica, todas as vacinas são boas. A exemplo da maioria dos imunizantes para qualquer enfermidade, no entanto, também as referentes à covid possuem uma margem de escape. Isso não invalida nenhuma vacina. Tragicamente, para humanidade, a Delta invade o sistema respiratório e, vai-se descobrindo agora, que essa variante ataca os rins (as primeiras cepas, no início da pandemia, também o faziam), podendo levar os pacientes à hemodiálise. No Brasil, até a quarta-feira 11, eram contabilizados aproximadamente seiscentos e cinquenta casos — trata-se, sem alarmismos, de um número já bastante preocupante, uma vez que, cada pessoa infectada pela Delta, a transmite para outros seis indivíduos: seis transmitem para trinta e seis, que transmitem para 216 e assim por diante. Quanto maior a transmissibilidade, maior é a inevitabilidade de o vírus gerar novas variantes. "A Delta é mais transmissível porque tem a capacidade de usar, com muito mais facilidade em relação a demais cepas, substâncias do próprio organismo para ingressar na célula", explica Luiz Carlos Dias, professor titular do Instituto de Química da Unicamp e Membro da Academia Brasileira de Ciência.

EFEITO DELTA
Em Wuhan, filas se formam para nova testagem em massa; depois de Los Angeles ter tirado a obrigatoriedade das máscaras, elas, agora, voltam a ser compradas; em Sydney, na Austrália, onde conseguiu-se zerar as mortes pelo vírus, o lockdown foi retomado; na cidade de Jerusalém, em Israel, começou o terceiro ciclo de vacinação

Devido à Delta e por decisão da Justiça, o primeiro caso de passaporte sanitário deverá vigorar no Brasil. Se isso ocorrer, só desembarcará no Ceará quem comprovar a vacinação ou teste negativo

A variante Delta, segundo Dias, replica-se no organismo humano com maior velocidade e em maior quantidade, também se cotejada a outras linhagens. É como se as proteínas do vírus fossem uma chave feita sob medida para a abrir a fechadura da célula. "Mesmo a China, que lidou bem com a pandemia, teve de voltar a impor medidas restritivas na cidade de Wuhan", diz Dias. Segundo especialistas chineses, a contaminação pela Delta está, no país, pior que no começo da pandemia. Além desse regresso ao passado, repete-se outra cena: o governo dos EUA, onde 47,3% da população adulta tomaram as duas doses de vacina e 70% imunizou-se pelo menos com a primeira, já se recomenda que os norte-americanos não viajem para França, Tailândia, Austrália e Israel. Os israelenses, por sua vez, já deram início ao terceiro ciclo vacinal como proteção contra a Delta e anunciaram lockdonwn.

No Brasil, essa variante, até o momento, não é predominante (segue sendo a Gama). Mas, como forma de prevenção, o governo do Ceará entrou na Justiça para solicitar a obrigatoriedade da apresentação de teste negativo ou o comprovante de duas doses de vacinação às pessoas que forem ao estado — é o início do passaporte sanitário no País. "Mas já temos o sequenciamento genético da Delta", diz Felipe Naveca, pesquisador da Fiocruz, no Amazonas. "Dependendo da realidade de cada local, novas medidas restritivas podem ser necessárias". Em alguns países, máscaras foram lançadas ao ar em comemoração a vitória sobre o vírus, e será difícil fazê-las cair novamente sobre os rostos. Nos EUA, em Los Angeles, elas voltaram a ser obrigatórias. E, na Austrália, pelos menos cinco cidades, entre as mais importantes, já entraram em lockdown. "A pandemia demonstrou ser uma doença dinâmica. É difícil, mas as pessoas têm de se adaptarem", diz Raquel Stucchi, infectologista da Unicamp e consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia. "Escócia, Canadá e Cingapura, por exemplo, até já possuem estudos mostrando que a Delta poderá se tornar mais agressiva do que imaginamos". ■

FOTOS: STR/AFP; ALAMY/FOTOARENA; MENAHEM KAHANA/AFP; LOREN ELLIOTT/REUTERS/FOTOARENA

TikTok agora é coisa séria

SAÚDE Ginecologista americana que trata de educação sexual possui um milhão de seguidores

Aplicativo conhecido por suas coreografias, efeitos visuais e presença dominante de público infantil e adolescente ganha adeptos improváveis

Taísa Szabatura

Permeado por dancinhas, dublagens e piadas curtas, a rede social chinesa não fez sucesso por sua seriedade. Com grande apelo entre adolescentes, a rede social cresceu, passou a permitir vídeos de até três minutos e tornou-se a rede social mais baixada de 2020, superando Facebook e Instagram - tendo seu valor estimado em R$ 110 bilhões. Com as redes sociais servindo cada vez mais como fonte de notícias e informações, o TikTok atraiu produtores de conteúdo até então pouco comuns na plataforma: grandes bancos, profissionais da saúde e, no Brasil, até o Supremo Tribunal Federal (STF) aderiu ao movimento - principalmente para combater a desinformação e as fake news.

Para Mariana Munis, professora de Marketing e Comportamento do consumidor da Universidade Mackenzie Campinas, a plataforma ainda é incompreendida por parte do público, mas sua forma de apresentar conteúdo em vídeo veio para ficar. "De uma maneira divertida e didática, aproxima ainda mais as empresas e profissionais de seus públicos-alvo", diz. O público, segundo o próprio TikTok, é formado, em sua grande maioria, por pessoas entre 16 e 24 anos, com usuários mais velhos abrindo suas contas em 2021. Ou seja, é impossível ignorar seu tamanho. Até o Instagram atrelou elementos da plataforma chinesa, assim como o fez com o já quase esquecido Snapchat.

A plataforma ainda é incompreendida por parte do público, mas a forma de apresentar conteúdo veio para ficar

POLÍTICA Ao virar meme por sua atuação na CPI da Covid, o senador Randolfe Rodrigues aproveita para se comunicar com público mais jovem

Por falar com quem vota, compra e emite opinião, contas sérias como a da médica americana Danielle Nicole Jones, também conhecida como Mama Doctor Jones, fazem sucesso. A ginecologista conta com quase um milhão de seguidores e usa o espaço para ensinar aos jovens como se proteger de doenças sexualmente transmissíveis e lidar com a sexualidade de maneira saudável - sem usar o tom de "consultório médico". O mesmo acontece com o STF, que explica como funciona uma eleição, os três poderes e até o significado da estátua da Justiça, em frente ao prédio em Brasília.

E por falar na capital federal, políticos brasileiros estão apostando forte na plataforma. O senador Randolfe Rodrigues, vice-presidente da CPI da Covid, faz sucesso com os acontecimentos da comissão parlamentar e suas repercussões. Memes, diálogos, expressões - tudo vira humor informativo. Em ano de véspera de eleição, ficar atento aos eleitores iniciantes pode ser uma boa estratégia. No entanto, é preciso cuidado. Marina Munis afirma que quando o assunto é marketing, o tiro pode sair pela culatra. "A geração Z é muito questionadora e antenada e não vai cair em qualquer dancinha feita por políticos", diz. "Como em qualquer mídia social, é imprescindível ao candidato entender muito bem as necessidades de seu público-alvo e comunicá-las de maneira verdadeira aos usuários, caso contrário, o candidato pode virar motivo de chacota". ■

JUSTIÇA O Supremo Tribunal Federal evita as fake news com vídeos divertidos

FOTOS: REPRODUÇÃO

TARCÍSIO MEIRA
Despedida: último papel foi em "Orgulho & Paixão", de 2018

O GRANDE GALÃ
Mais de 60 anos de carreira: público fiel

IMORTAL
Como João Coragem, em "Irmãos Coragem": papel inesquecível

A TELEDRAMATURGIA PERDE GIGANTES

Tarcísio Meira e **Paulo José**: dois dos maiores ícones das artes brasileiras deixam a cena

Felipe Machado

Um último ato duplamente trágico para a dramaturgia brasileira: o País perde, na mesma semana, dois de seus maiores atores. Na quarta-feira 11, Paulo José, 84 anos, foi vítima de pneumonia, após vinte anos lutando contra o Mal de Parkinson. No dia seguinte, foi a vez de Tarcísio Meira, 85, em decorrência da Covid-19. Sua mulher, a atriz Gloria Menezes, também foi internada com a doença, mas apresentou sintomas leves. O casal já havia sido vacinado, mas a situação do ator foi mais grave porque ele sofria de insuficiência renal e enfisema, além de possuir problemas cardíacos.

Tarcísio Meira e Paulo José foram gigantes para o público e colegas queridos entre os seus pares. Ambos brilharam em mais de 60 anos de carreira. Suas trajetórias não se limitavam às telas de TV, onde fizeram sucesso em dezenas de novelas, minisséries e seriados desde os anos 1960. Foram grandes também no teatro e no cinema: Tarcísio atuou em 31 peças de teatro e 22 filmes, dirigido por mestres como Glauber Rocha e Anselmo Duarte. Paulo José, que começou no palco do revolucionário Teatro de Arena, atuou em clássicos como "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade, e "Todas as Mulheres do Mundo", de Domingos Oliveira.

Na TV, é difícil apontar os destaques entre as atuações dos dois. No caso de Tarcísio, que estreou em 1959 na TV Tupi, impossível não lembrar do personagem João Coragem, na novela "Irmãos Coragem", de 1970. Foi ali que ele começou a consolidar a fama como o maior galã da TV brasileira. Houve ainda participações inesquecíveis em "Saramandaia" (1976), "Roque Santeiro (1985)", "O Rei do Gado", "A Favorita" (2008), e "Velho Chico" (2016), apenas para citar algumas. Seu último papel foi o de Lorde Williamsom em "Orgulho & Paixão", de 2018.

Paulo José conquistou o público como o querido Shazan de "O Primeiro Amor", de 1972. A partir daí vieram sucessos em sequência, entre eles "Roda de Fogo" (1986), "Tieta" (1989) e "Por Amor" (1997), além das minisséries "JK" (2004) e "Um Só Coração" (2006). Tarcísio Meira e Paulo José saem de cena, mas os tesouros artísticos que ambos deixam ainda os manterão em cena por muitas gerações. ■

PAULO JOSÉ
"O Palhaço" (2011): sucesso do cinema ao lado do fã Selton Mello

TEATRO
Última atuação: peça radiofônica para o Grupo Galpão

TV
Shazan, de "O Primeiro Amor": empatia com personagem popular

MOTAGEM SOBRE FOTOS: DIVULGAÇÃO/GLOBO; FILIPE REDONDO/FOLHAPRESS

por Taísa Szabatura

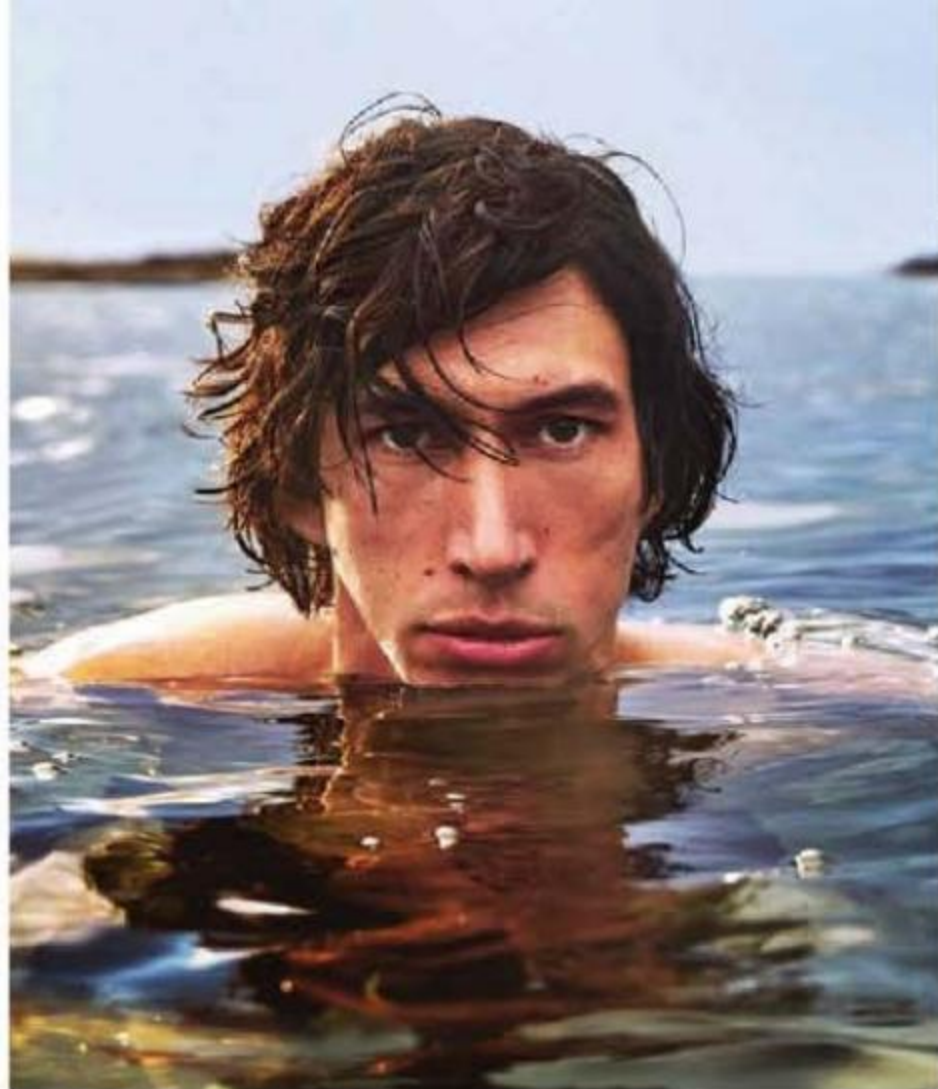
Gente

A nova Bruna de Neymar

Conhecido por sua fama de namorador, o craque Neymar não vai correr o risco de errar o nome da nova namorada: depois do tórrido romance com Bruna Marquezine, a nova dona do seu coração é outra Bruna. A sortuda da vez é a influenciadora e empresária **Bruna Biancardi**, de 27 anos. Com medidas perfeitas e um olhar tão fatal quanto as jogadas do atacante do Paris Saint-Germain, Bruna já estrelou campanhas para diversas marcas e trabalha como gerente de marketing na área da moda. Flagrados juntos pela primeira vez em um iate luxuoso na Espanha, o casal já publicou fotos juntos — o que, na "linguagem" das celebridades, significa que o namoro é para valer.

O bom filho à casa torna

Mais de duas décadas se passaram desde que **Marcos Mion** começou a carreira atuando ao lado da dupla Sandy & Junior nas manhãs de domingo da Globo. Após passagens bem sucedidas pela MTV e Record, Mion agora ocupará as tardes de sábado na sua antiga emissora. Com a dança de cadeiras dos apresentadores — Faustão foi para a Bandeirantes e Luciano Huck herdou o horário nobre do domingo —, o caminho para o ex-apresentador de "A Fazenda" ficou desimpedido. Nas redes sociais, ele agradeceu a Huck e demonstrou estar surpreso com a nova conquista: "Meu Deus, isso é verdade mesmo?", questionou, humildemente. É sim, Mion.

FOTOS: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; DIVULGAÇÃO/RECORD TV; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; MARCOS CASTELUBER/@IFISSPORTS/FACEBOOK

Aroma surpreendente

Se é comum ver astros como garotos-propaganda de novas fragrâncias, por que o frenesi envolvendo **Adam Driver** em um comercial de perfume? Sempre reservado e focado em seus papéis no cinema, ele apareceu sem camisa e correndo na praia com um cavalo — um contraste com a imagem séria que costuma vender. A sensualidade surpreendeu as fãs, que não costumavam citá-lo entre os homens mais bonitos de Hollywood. Aos 37 anos, Driver mostrou que não é só um bom ator: é também um rostinho bonito.

Amigos da vacina

A atriz **Jennifer Aniston**, famosa por seu papel como Rachel no seriado "Friends", disse que não mantém mais amizade com pessoas que se recusam a serem vacinadas — e sugeriu que todo mundo deveria fazer o mesmo. Abordada pelo público, ela afirmou o óbvio: quem não se vacina atrapalha todo o processo de erradicação do coronavírus. "Não podemos nos preocupar apenas com nós mesmos", afirmou. Embora os tablóides tenham publicado notícias sobre um romance recente com o ex-colega, David Schwimmer, os dois ex-"Friends" garantem: são apenas bons amigos.

Legalmente rica

A atriz **Reese Whiterspoon** se tornou a atriz mais bem paga do mundo — e não foi graças a papéis como "Legalmente Loira", época em que se tornou a namoradinha da América. Ao vender sua produtora "Hello Sunshine" por U$ 900 milhões — cerca de R$ 4,6 bilhões — a vencedora do Oscar nunca mais terá de se preocupar se seus filmes vão dar lucro na bilheteria. Produzidas por Reese, séries como "Big Little Lies" e "The Morning Show" foram grandes sucessos de crítica e público. Em tempos de concorrência acirrada no streaming, escolher apostas certeiras como essas vale tanto quanto o talento para ganhar dinheiro.

O voo de Ítalo

O surfista **Ítalo Ferreira** ganhou o ouro e sua audiência com os brasileiros — e brasileiras, claro — já está nas nuvens. Desde que ganhou a medalha em Tóquio, o potiguar tem encantado ao rebater comentários xenófobos com paciência e bom humor. Questionado se "no Nordeste tem água?", respondeu de forma singela: "Tem ouro!". Com mais de dois milhões de seguidores, Ítalo virou sensação também fora da internet. Tem sido aplaudido ao entrar em restaurantes e os sites de fofoca já o consideram "o homem mais elegante do Brasil". Agora o desafio é saber quem é a dona de seu coração. Ítalo nem pensa no assunto: já está no México, onde voltou a competir e a ganhar provas.

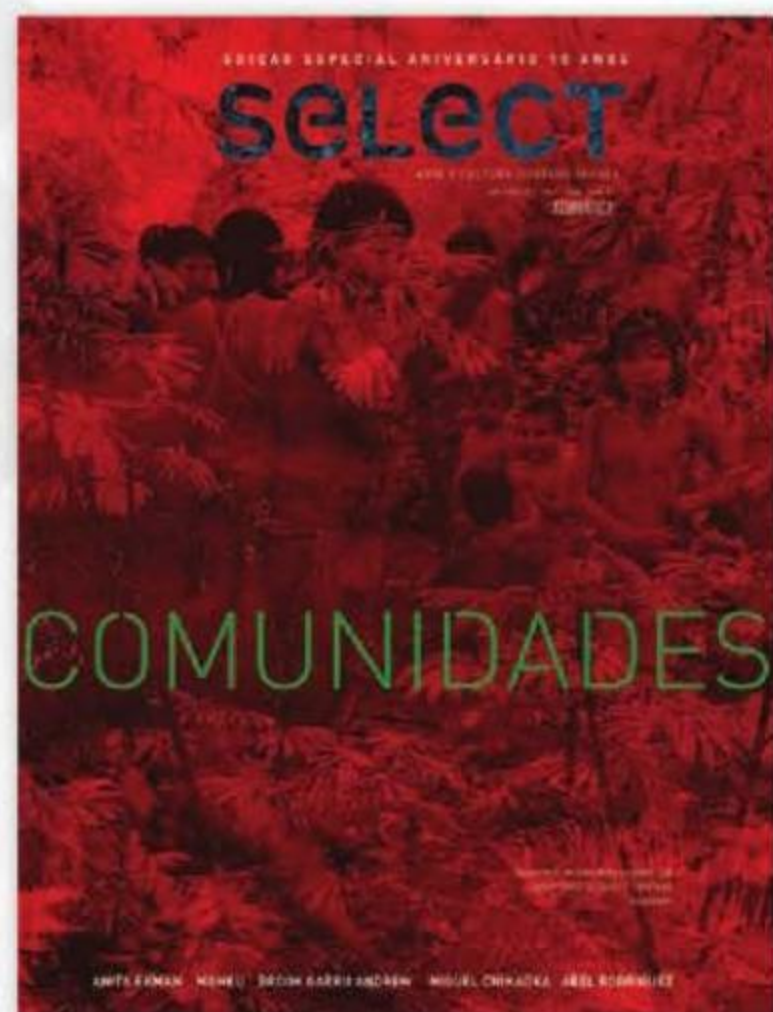
e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Assine

Seja o primeiro a receber a melhor informação. Assine pelos telefones **(11) 3618-4566 (SP), 0800 888-2111 (Interior) e 4002-7334 (Demais Capitais),** de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h ou acesse **assine3.com.br**

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

Nem tudo que reluz é ouro

RESERVAS
Em 2020, 75% dos bancos centrais aumentaram as reservas do metal

Embalado pela pandemia, o mercado do mineral **cresceu no mundo** e levou a uma **alta de 46% no faturamento** das companhias no Brasil. Mas especialista alerta que 17% da produção brasileira **ainda é ilegal**

André Lachini

A pandemia provocou um choque no mercado mundial de ouro, que foi afetado pela queda de produção, pela variação do dólar, pela baixa nos juros e principalmente pela busca de proteção. Isso sempre acontece em momentos de crise mundial, pois empresas, investidores e países fogem do risco. E esse movimento, que elevou os preços em 22%, favoreceu o Brasil — o metal é o segundo mais produzido pelo País, atrás apenas do minério de ferro. A ascensão desse ativo foi beneficiada por um movimento dos grandes bancos centrais, que lideraram a compra de ouro em 2020. Uma pesquisa feita pelo Conselho Mundial do Ouro, sediado em Londres, indicou que 75% das instituições aumentaram a aquisição do produto no ano passado, como forma de defesa para os ativos dos governos durante a turbulência no mercado financeiro. O mercado continua em alta em 2021, mas ele não é mais impulsionado apenas pelos bancos centrais.

A onça-troy do metal, que era cotada a US$ 1,49 mil na Bolsa Mercantil de Nova York (Nymex) em agosto de 2019, disparou, rompendo a marca recorde de US$ 2 mil em agosto de 2020. Desde então, perdeu um pouco do valor em relação ao pico de agosto do ano passado, mas ainda vale 17% a mais que em 2019. "Tradicionalmente, o ouro é um bom investimento para proteção patrimonial. Em um momento de inflação em alta, que é a situação do Brasil e do mundo, o ouro é uma opção interessante para o investidor", diz Matheus Spiess, economista e estrategista da Empiricus. Spiess destaca que a Ásia atravessa outro "boom" das commodities, e nesse contexto o metal tende a se valorizar.

No primeiro semestre, as empresas de mineração faturaram R$ 13,7 bilhões com a extração no Brasil, uma expansão de 46% sobre o mesmo período do ano passado, informa o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram). "Houve um aumento na demanda. Outro fator que ajudou foi a desvalorização do real", diz Júlio César Nery Ferreira, diretor de Sustentabilidade do Ibram. Segundo ele, foram extraídas 48,5 toneladas do produto no Brasil no primeiro semestre, uma expansão de 6% em volume sobre o mesmo período de 2020. Muitas das maiores mineradoras, quase todas canadenses, como Anglo Gold, Aura, Eldorado, Equinox e Yamana, têm minas no País, onde fazem um trabalho importante na pesquisa por novas lavras. Cerca de 80% da produção brasileira é exportada e os principais destinos são Suíça (31%), Canadá (28%), Reino Unido (15%) e Índia (9%).

Grande parte dessa riqueza, contudo, não beneficiou a sociedade. Não

"Hoje o ouro é o principal produto exportado pelo Brasil à Suíça"
Larissa Rodrigues, do Instituto Escolhas

CLANDESTINOS
Garimpeiros extraem ouro dentro do território ianomâmi, o que é ilegal

teve controle oficial nem circulou de forma legalizada — é a chamada "lavagem de ouro", que movimentou 19,1 toneladas no ano passado, ou 17% da produção total brasileira, segundo um levantamento do Instituto Escolhas. "A mineração ilegal prejudica a imagem das empresas que trabalham de maneira séria", afirma Ferreira. A maior parte da extração legalizada acontece nos estados de Minas Gerais e Goiás, onde operam as grandes empresas. Existem garimpos legalizados no Pará, Amapá, Mato Grosso e Rondônia, mas também a extração ilegal no Mato Grosso, Pará e na Terra dos Ianomâmis - uma área entre Roraima e o Amazonas. O garimpo é proibido em terras indígenas. "Estimamos que existam 20 mil garimpeiros ilegais no território ianomâmi", diz Larissa Rodrigues, gerente de Projetos e Produtos do Instituto Escolhas. Segundo ela, a falta de fiscalização e regulamentação no mercado, além de provocar a evasão de 19,1 toneladas do mineral, criou distorções que fazem com que o estado de São Paulo — que não produz uma grama — seja um dos maiores exportadores.

FALTA DE REGULAMENTAÇÃO

Além da perda de receitas com a exploração ilegal, Larissa Rodrigues diz que os garimpos clandestinos contaminam os rios com mercúrio. O Instituto Escolhas defende que uma nova regulamentação para a exploração dessa commodity seja aprovada, através do Projeto de Lei 836, do senador Fabiano Contarato (Rede). "O PL 836 estabelece os parâmetros para a circulação do ouro. Ao invés dos formulários serem auto-declaratórios, deveriam ter certificados de origem emitidos, digitalmente, pelas DTVMs", comenta. As DTVMs são as distribuidoras de títulos e valores mobiliários, que têm filiais na Amazônia, onde recebem o produto dos garimpeiros. Atualmente, basta o garimpeiro fazer uma autodeclaração de que extraiu o ouro em determinada lavra para obter um certificado em papel. "Hoje, as pessoas compram e às vezes não sabem de onde vem o ouro", comenta. ■

RASTREAMENTO
O PL 836 propõe maior controle na comercialização do metal

DE SAÍDA
A popularidade de Cuomo despencou após o escândalo de assédio estourar em dezembro

Estrela democrata em ascensão, governador é abatido por **acusações de assédio sexual** a 11 mulheres. A legenda comemora sua substituição por **uma defensora dos direitos das mulheres** *André Lachini*

Andrew Cuomo, de 63 anos, governador de Nova York pela terceira vez, era uma estrela em ascensão na política e no Partido Democrata até dezembro. Tinha 70% de aprovação popular, conquistada principalmente por ser visto como um político eficiente no combate à pandemia de Covid, que matou mais de 53 mil pessoas no estado. Mas ele foi atingido por um escândalo que veio à tona em dezembro, quando Lindsay Boylan, uma ex-assessora dele, escreveu em uma rede social que o governador a beijou à força e a assediava desde 2018. As acusações, nos meses seguintes, ganharam força e levaram outras 10 mulheres a acusarem o governador de assédio sexual. Na terça-feira 10, o político renunciou e anunciou que passará o cargo até o dia 24 para sua vice, Kathy Hochul.

A renúncia virou um ponto central para o Partido Democrata, que já foi duramente atingido por outros escândalos sexuais — um dos mais emblemáticos levou ao processo de impeachment de Bill Clinton, em 1998. A queda foi precedida por pressões públicas e privadas de políticos do partido para que Cuomo deixasse o cargo. Até o presidente Joe Biden e a líder da maioria democrata na Câmara, Nancy Pelosi, pediram a renúncia. Os democratas temiam o desgaste político de um processo de impeachment, que poderia se arrastar por semanas e até meses na assembleia estadual em Albany, a capital do estado. Mesmo o Legislativo sendo controlado pelos democratas, o

FOTOS: CAITLIN OCHS/REUTERS/FOTO ARENA; MIKE GROLL/AP PHOTO

EM ALTA
Kathy Hochum está no Partido Democrata desde os anos 80

desfecho deveria ser desfavorável: o relatório de mais de 140 páginas do Ministério Público de Nova York, elaborado pela procuradora Letitia James, deixou poucas dúvidas sobre o assédio do governador. O caso ganhou gravidade cada vez maior. Na noite do dia 8, Melissa DeRosa, assessora especial de Cuomo, renunciou, e no dia seguinte o canal CBS exibiu uma entrevista com Brittany Commisso, uma ex-funcionária pública que também acusa Cuomo de assediá-la. Melissa foi acusada por algumas vítimas de tentar proteger o democrata e encobrir o assédio.

A queda de Cuomo teve impacto nacional, mas sobretudo entre os democratas de Nova York. Primeiro, porque o político é filho do ex-governador democrata Mario Cuomo, que governou Nova York entre 1984 e 1995, lembrado como um período de prosperidade econômica em que a cidade de Nova York se reinventou. Em segundo lugar, lembrou a renúncia do governador Eliot Spitzer, outra estrela democrata que deixou o cargo em 2008 após se envolver com uma rede de garotas de programa. Restou ao ex-governador tentar conter o prejuízo e cativar uma imagem favorável para o futuro. "A operação do governo, nestes tempos conturbados, é uma questão de vida e morte. Perder a energia com distrações é a última coisa que um governo pode fazer e eu não posso ser a causa disso", disse Cuomo no seu discurso de renúncia.

> **"Assédio sexual é inaceitável em qualquer ambiente, especialmente no serviço público"**
> **Kathy Hochul**, nova governadora

NOVA LÍDER

Com a saída de cena do governador, assume uma política bastante conveniente para o Partido Democrata. A vice-governadora Kathy Hochul, de 62 anos, passou ao largo de grande parte da polêmica. Advogada, ela já foi deputada federal em Washington e está na política há mais de 30 anos. Para os democratas, sua maior qualidade é ter construído a carreira como defensora dos direitos das mulheres: combateu o assédio sexual nas universidades estaduais e também a violência doméstica. "Assédio sexual é inaceitável em qualquer ambiente de trabalho, especialmente no serviço público", escreveu Hochul no último dia 3, quando comentou o escândalo. Com isso, credenciou-se para assumir o protagonismo democrata em um estado-chave para a legenda.

Já Cuomo terá um futuro amargo. Após a renúncia, poderá enfrentar as acusações na Justiça. "O ex-governador sofrerá uma ação civil e, caso seja declarado culpado, terá que pagar indenizações às vítimas", avalia Denilde Holzhacker, professora de Relações Internacionais. Ela observa que além da retomada econômica, a nova governadora Hochul terá que elaborar planos para combater a desigualdade social, que aumentou principalmente na área metropolitana de Nova York após a pandemia. ■

Cultura

LIVROS

por Felipe Machado

FICÇÃO
Vladimir Nabokov: "todo grande escritor é um grande impostor"

Professor **Nabokov**

Antes da fama conquistada com "Lolita", em 1955, o **escritor russo** deu aulas de literatura em **universidades americanas**, compiladas agora em dois belos volumes

Apesar de ter nascido em São Petesburgo, na Rússia, Vladimir Nabokov aprendeu a ler em inglês devido à educação e convivência com tutores e governantas do Reino Unido. Nascido no final do século 19 em uma família muito rica – o pai era advogado e a mãe, herdeira de minas de ouro –, emigrou à força para a Europa após a revolução bolchevique. Morou em Cambridge, na Inglaterra, e depois viveu em Paris, antes de se mudar definitivamente para Berlim. Na capital alemã, manteve-se ensinando em uma combinação improvável de atividades diversificadas: inglês, francês, boxe e tênis.

Em 1940 foi obrigado a emigrar pela segunda vez, agora para fugir do nazismo. Ele e sua família – com exceção do irmão, Sergei, que foi enviado para um campo de concentra-

ção - conseguiram embarcar no SS Champlain rumo a Nova York. Nos EUA, Nabokov pode se dedicar às suas grandes paixões: a literatura e a lepidopterologia, o estudo das borboletas. Começou a dar aulas de literatura russa no Wellesley College, em Massachusetts, uma instituição apenas para mulheres. Em paralelo, o amor aos insetos o levou a se tornar pesquisador associado do Museu de Zoologia de Harvard. Mais tarde mudou-se para Ithaca, em Nova York, onde foi professor na renomada Universidade Cornell. Entre suas alunas estava a futura juíza da Suprema Corte americana, Ruth Bader Ginsburg, que desde então sempre o citou como grande referência intelectual.

O conteúdo de suas aulas foi compilado e chega agora em duas belas reedições, "Lições de Literatura" e "Lições de Literatura Russa". No primeiro, ele analisa o trabalho dos colegas ingleses Jane Austen e Charles Dickens, do poeta escocês Robert Louis Stevenson, dos franceses Marcel Proust e Gustave Flaubert e do irlandês James Joyce. Entre os russos, Nabokov se debruça sobre as obras de Nikolai Gógol, Ivan Turguêniev, Fiódor Dostoiévski, Liev Tolstói, Anton Tchekov e Maksim Górki. Ao ser editado em formato de prosa, o conteúdo dado em sala de aula torna-se uma valiosa obra literária por conta própria. Nabokov não era um grande professor pela matéria ensinada no curso, mas pela atitude apaixonada que estimulava os alunos.

"Quando lemos, devemos reparar nos detalhes e acariciá-los", dizia. Suas recomendações iam muito além das palavras - exigia que os alunos desenhassem mapas e diagramas relacionados aos cenários onde as histórias eram ambientadas. E abusava das metáforas: "todo grande escritor é um grande impostor, mas assim é também a natureza, essa trapaceira contumaz. A natureza sempre engana." Não economizava nas críticas aos autores que desprezava, como Sigmund Freud, William Faulkner e Thomas Mann: "muitos autores bem aceitos não existem para mim. Seus nomes estão gravados em túmulos vazios, seus livros são apenas manequins." Suas grandes motivações eram a criatividade e a originalidade, tanto nos escritores quanto nos leitores: "Chamar uma história de verdadeira é um insulto tanto à arte quando à verdade".

Nabokov deu aulas até 1955, ano de lançamento de sua obra mais famosa - e rentável -, "Lolita". O escritor largou então a carreira acadêmica e se dedicou aos próprios livros - que não deixam de ser, da mesma forma, grandes aulas de literatura. ■

LANÇAMENTO

"Lições de Literatura"

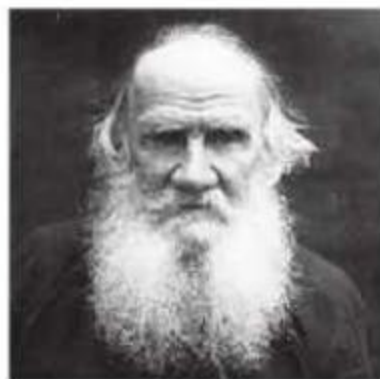
Vol 1: Europa
Vol 2: Rússia
Ed. Fósforo
Preço: R$ 79 (cada)

AOS MESTRES SEM CARINHO

Fiódor Dostoiévksi

"Jamais superou a influência dos romances de mistério e histórias sentimentais europeias. Gostava de colocar pessoas virtuosas em situações patéticas para extrair delas a última gota de comoção"

James Joyce

"Joyce é direto, lúcido, lógico e sem pressa. Seu palavreado incompleto e fragmentário transmite o fluxo de consciência, ou melhor, as pedras em que a mente vai pisando ao fluir"

Liev Tolstói

"Uma alma irrequieta que viveu dividida entre o temperamento sensual e a consciência sensível. Na juventude, o libertino venceu. Mais tarde, encontrou a paz temporária na vida em família"

Franz Kafka

"Quem escreve pode ser visto como um contador de histórias, um professor ou um mago. O grande autor combina os três, mas é o mago que predomina e o torna um grande escritor"

Jane Austen

"Suas imagens são pouco vívidas. Embora aqui e ali ela pinte graciosos quadros verbais com delicados pincéis em um pedacinho de marfim, suas paisagens e gestos são limitados"

Marcel Proust

"Proust é um prisma. Seu único objetivo consiste em refletir e, ao fazê-lo, criar um mundo em retrospecto. "Em Busca do Tempo Perdido" é uma evocação, não uma descrição do passado"

FOTOS: HORST TAPPE/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

Contontos de fadas reais

Segunda temporada da série **"Amor Moderno"** traz histórias enviadas por leitores de jornal

Felipe Machado

No passado, os protagonistas dos contos de fadas eram príncipes e cavaleiros que lutavam pelas mãos das donzelas em castelos e palácios protegidos por fossos e altos muros. Hoje isso mudou: os romances atuais têm como personagens pessoas comuns, homens e mulheres que se encontram e desencontram em trens, restaurantes e salas de espera de consultórios médicos. Uma coisa, porém, permanece igual há séculos: todas essas histórias ainda são inspiradas no mesmo sentimento — o amor.

A segunda temporada de "Amor Moderno", série da Amazon Prime, segue o mesmo conceito da original, ou seja, é baseada em histórias reais enviadas por leitores e publicadas na coluna homônima do jornal americano "The New York Times". Concebida, dirigida e roteirizada por John Carney, a produção também mantém o formato de reunir um elenco de atores e atrizes bem conhecidas do público. Se a temporada anterior contou com a participação de Anne Hathaway, Andy Garcia, Tina Fey e Dev Patel, entre outros, agora os oito episódios são estrelados por Kit Harrington (Jon Snow, de "Game of Thrones"), Minnie Driver, Miranda Richardson, Lucy Boynton e Anna Paquin. Em uma época em que os filmes de super-heróis quebram todos os recordes de bilheteria, chama a atenção que uma série possa fazer tanto sucesso contando casos tão comuns. Não há nada de excepcional nessas tramas — a sensação é de que estamos assistindo a relatos que poderiam acontecer com qualquer um de nós.

É exatamente aí que está o segredo: o reconhecimento de que os relacionamentos são coisas extraordinárias em sua simplicidade. Duas pessoas, origens diferentes e, muitas vezes, diametralmente opostas, apaixonam-se. A partir daí, o interessante é descobrir como vencerão as diferenças até ficarem juntas. No episódio de abertura, Zoe (Zoe Chao) tem uma síndrome rara que não lhe permite dormir à noite, apenas de dia; Jordan (Gbenga Akinnagbe) é um esportista, homem diurno. Como conciliar uma relação assim? Há ainda episódios sobre reconciliação, relacionamentos homoafetivos, conexões e traições. Nesse sentido, não importa se estamos nos contos de fadas do passado ou nas fábulas do amor moderno: sempre há espaço para um final feliz. ■

NA ESTAÇÃO
Lucy Boynton e Kit Harrington: troca de olhares no trem

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Caçada humana na Grécia

O thriller "Beckett", estrelado por John David Washington, tem roteiro inspirado nas perseguições implacáveis e dramas políticos dos anos 1970

Felipe Machado

AÇÃO John David Washington: identificação com o personagem

Se há alguém que está no lugar errado e na hora errada, esse alguém é "Beckett", personagem de John David Washington na produção dirigida pelo italiano Ferdinando Filomarino. Na trama, o lugar errado é a Grécia; a hora errada é o período de turbulência política pelo qual passa o país. Apesar de o filme ser uma estreia da Netflix, é impossível não associá-lo a produções como "Três Dias do Condor", de Sidney Pollack, e "A Trama", de Alan J. Pakula, dramas políticos com protagonistas em fuga ambientados nos anos 1970.

O thriller narra a história de Beckett, turista americano que faz uma viagem romântica com a namorada April (Alicia Vikander) pelas paradisíacas paisagens da Grécia. A caminho de uma praia, o casal sofre um acidente de carro. É quando tudo começa a dar errado. Beckett acaba se deparando com algo que ele não deveria ter visto e, a partir daí, sua vida se torna um inferno. Perseguido sem saber por quê, ele entra em um redemoinho kafkaniano e vira alvo de uma caçada humana cuja relação com a situação política da Grécia só se revela no final. "Fui atraído pela história de um homem lutando pelo direito de viver. Alguém que se esforça para fazer a coisa certa e ser uma versão melhor de si mesmo", afirma John David Washington. "Eu me identifiquei com isso."

Para o diretor Ferdinando Filarmino, a Grécia foi escolhida porque as recentes crises pelas quais passou o país dão veracidade à trama. "A bela geografia nos permitiu filmar a fuga de um homem por paisagens dramáticas que formam um contraste com o pesadelo que o aflige", explica Filarmino. "Busquei manter a tradição dos clássicos dos anos 1970, mas com com o público mais próximo ao protagonista. Afinal, ele não é um espião, mas um homem comum que tenta entender como sua vida mudou tanto em tão pouco tempo". É o filme certo, na hora certa. ■

"Ele não é um espião, mas um homem comum que tenta entender como sua vida mudou tanto em tão pouco tempo"

Ferdinando Filarmino, diretor de "Beckett", sobre seu protagonista

CRÍTICO
Eagle Eye-Cherry: "vocês precisam mudar de presidente"

MÚSICA

A festa musical de Eagle-Eye Cherry

Com saudade dos "bons tempos", em Nova York e São Paulo, o músico lança single e anuncia a volta ao estúdio

O novo single de Eagle-Eye Cherry, "I Like It", tem tudo para se tornar o hino da retomada pós-pandêmica. O refrão resume o que os seus fãs gostariam de voltar a fazer: "Sair sem controle / Aumentar o som do rock and roll / É assim que eu gosto", diz um trecho da letra. O vídeo vai na mesma linha, com cenas de sua turma fazendo uma bela bagunça dentro de um ônibus. "Escrevi pensando nos bons tempos de Nova York, quando fazíamos festas todas as noites", explica o músico. Assim como outras composições do início de 2020, a canção foi inspirada em Ramones e The Clash, bandas que Eagle-Eye ouvia na adolescência. Na época, vivia na estrada com o pai, o lendário trumpetista de jazz Don Cherry. Quando veio a pandemia, suas criações passaram a refletir o clima sombrio. No mês que vem, ele volta ao estúdio na Suécia, onde mora, para escolher quais canções entrarão no álbum. "Vou ter de sacrificar parte dos meus 'filhos' para ter um repertório equilibrado", diz o músico, que só vai fazer shows em 2022. "Minha última turnê foi no Brasil", explica. "Adoro o País, mas a população precisa trocar urgentemente de presidente." Em sua mais recente passagem por São Paulo, ele filmou no centro da cidade as cenas do videoclipe "Down and Out", produzido pela ForMusic. "A cidade me lembrou dos bons tempos em Nova York. É assim que eu gosto."

TALENTO EM FAMÍLIA

A família Cherry é considerada 'realeza' no mundo da música: o trumpetista Don Cherry, pai de Eagle-Eye, formou uma das duplas mais incendiárias do jazz ao lado do saxofonista Ornette Coleman. Neneh Chery, filha de Don e irmã de Eagle-Eye, fez sucesso nos anos 1990 com os hits "Manchild" e "7 Seconds". Agora chegou a vez da filha de sua filha: Mabel é a nova sensação da música britânica desde que estourou nas paradas com "Don't Call me Up", canção que lhe rendeu o prêmio Brit Awards.

PARA LER

A escritora **Carolina Maria de Jesus** ganha reedição dos seus diários: "Osasco" e "Santana" fazem parte da série "Casa de Alvenaria", de 1961. Escritas em linguagem simples e poética, suas reflexões soam mais atuais que nunca.

PARA VER

No filme dinamarquês "Loucos por Justiça", o personagem de Mads Mikkelsen (de "Druk") busca a vingança após ver a mulher morrer em um acidente suspeito. Dirigido por Anders Thomas Jensen, está em cartaz no streaming.

PARA OUVIR

Lady Gaga e **Tony Bennett** retomam a parceria iniciada em 2014: a dupla lança "I Get a Kick Out of You", primeiro single de "Love for Sale", álbum que sai em outubro em homenagem ao compositor Cole Porter. Será a despedida de Bennett, hoje com 95 anos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

FESTIVAL

O grande encontro dos curtas

A 32ª edição do **Kinoforum** – Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, um dos maiores e mais tradicionais eventos do setor, reunirá 200 filmes produzidos em 39 países. Serão 116 produções brasileiras, entre elas "Céu de Agosto" *(foto)*, recém-premiada no Festival de Cannes, e "Selva Bruta", eleito melhor curta-metragem latino-americano pelo *Director's Guild of America*. Entre os destaques internacionais estão "Estrela Vermelha" (França), "O Cordeiro de Deus" (Portugal) e "Passagem" (Alemanha). De 19 a 29/8, em www.kinoforum.org.br .

BIOGRAFIA

Chaves: a vida de Roberto Bolaños

Quem não se lembra das confusões provocadas por Chaves e Chapolin, populares personagens infantis exibidos à exaustão pela TV brasileira nos anos 1980? Pois ambos foram criados pelo ator mexicano Roberto Gómez Bolaños, cuja biografia acaba de ser lançada no País. Em **"Sem Querer Querendo – Memórias"**, o autor narra sua improvável trajetória, que começou com a redação de anúncios para rádio e culminou com a criação de um dos personagens latino-americanos mais famosos de todos os tempos.

CINEMA

Costa-Gavras volta às telas

O cineasta grego Costa-Gavras volta aos dramas políticos após nove anos afastado das telas. **"Jogo do Poder"** traz o diretor de "Z" em sua melhor forma: baseado no livro do ex-Ministro de Finanças, Yanis Varoufakis, o filme mostra as negociações para o pagamento da dívida da Grécia à União Europeia, em 2015, fato que provocou uma crise sem precedentes. "O filme é sobre uma Europa desconectada dos aspectos humanos, obcecada por números", define o diretor.

DANÇA

Os bastidores do Grupo Corpo

Uma das maiores companhias de dança do País, o Grupo Corpo passou a exibir seus espetáculos na internet com complemento especial: **"Temporada Comentada"** apresenta os balés completos da trupe mineira fundada há 40 anos seguidos por um bate-papo com os coreógrafos Rodrigo Pederneiras e Cassi Abranches. As exibições gratuitas acontecem em 13/8 ("Gira", *foto*), 17/9 ("Bach") e 8/10 ("Suite Branca"), sempre às 19h30, no canal dno Youtube.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

UMA PAUSA EM NOSSO SURREALISMO

Entre todas as desgraças impostas pelo atual governo, uma coisa precisamos admitir: em matéria de Olimpíadas esse homem é pé quente.

Impressionante.

Fechamos os Jogos Olímpicos de Tóquio com o recorde histórico de 21 medalhas.

Atletas orfãos de apoio, nos encheram de orgulho e em meio a tanto pessimismo, impuseram um resultado que foi além de todos os prognósticos mais otimistas.

E o presidente, nem em seus sonhos mais megalômanos, imaginaria onde chegamos.

Apesar do governo passar os últimos dois anos sistematicamente esvaziando o esporte e a cultura, o Brasil foi lá e conquistou sua melhor posição de todos os tempos na mais importante competição esportiva do mundo.

Imagino que o presidente deva estar sinceramente orgulhoso, porque desconfio que não faz a menor ideia de qual política seu governo tem em relação ao Esporte.

Ou à Saúde.

Ou à Economia.

O presidente Bolsonaro já demonstrou que não se aprofunda em nenhum assunto relacionado ao seu governo, a não ser sua própria permanência no poder.

A impressão é a de que ele imagina que presidir um País é como pilotar um Boeing.

Só que constantemente em piloto-automático.

Mas nós, a torcida, sabemos bem de onde vieram essas medalhas e que o mérito é exclusivamente dos atletas e de seus patrocinadores.

Lamentável, porque poderíamos ter ido ainda melhor, já que governos podem determinar a performance de seus atletas.

Nos menos radicais, o governo provê recursos para identificar e treinar os potenciais vencedores. Nos mais radicais, mandam os perdedores para a Sibéria.

Por aqui, nenhum dos dois.

Para entender como conseguimos um resultado brilhante mesmo num ecossistema político tão desfavorável, precisamos entender que a performance Olímpica tem a mesma dinâmica de uma grande obra pública. Uma linha do metrô, ou uma usina.

A concepção é feita por um governo, mas o mérito de inaugurar é do próximo.

Assim, para compreender o fenômeno dessa geração de atletas, precisamos lembrar que nossos representantes não surgiram nesses últimos dois anos.

Atletas Olímpicos são semeados durante, em média, uma década antes das competições.

O ex-atleta de Triathlon e ex-chefe dos Esportes de Alto Rendimento por mais de 10 anos durante os governos que precederam Bolsonaro, André Arantes, afirma que a principal mudança deste governo foi deixar de ouvir os diferentes setores do esporte.

Ou seja, o governo atual não apenas ignora os talentos como também não escuta as representações de cada modalidade.

Então, apesar de se beneficiar politicamente com o resultado atual desta Olimpíada, este governo será responsável pelo resultado da próxima.

Apesar de o governo passar os últimos dois anos esvaziando o esporte e a cultura, o Brasil foi lá e conquistou sua melhor posição em Olimpíadas

Se você duvida, guarde esse texto e vamos falar depois de nossa performance em Paris.

Mas não vamos deixar que a política nos tire o gosto deste incrível resultado: 7 medalhas de ouro, 6 de prata e 8 de bronze.

A gente precisava disso.

Mesmo.

A cada grito que dei, feito um maluco, diante da TV quando nossos atletas conquistaram suas medalhas, me senti de novo, um cidadão do mundo.

Estávamos tão carentes dessa sensação de inserção.

Nos últimos anos, passamos a ser um País-exceção, distantes do bom senso, estigmatizados e isolados.

Por alguns minutos, os atletas brasileiros, nas Olimpíadas, lavaram a nossa alma com sua superação.

Então só resta a agradecer a essa gente tão especial que nos fez sentir, de novo, uma Nação unida e vitoriosa.

Mesmo que apenas por algumas semanas.

Agora chega.

Voltamos a nossa programação normal.